

# Prêmio Funarte de Dramaturgia

**200 anos de artes no Brasil**

Centro de Artes Cênicas  
Ceacen/Funarte

**INFÂNCIA E JUVENTUDE volume 2**

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**



PRÊMIO FUNARTE DE  
DRAMATURGIA

200 ANOS DE ARTES NO BRASIL

VOLUME 2

**Presidente da República**

Jair Bolsonaro

**Ministro do Turismo**

Carlos Alberto Gomes de Brito

**Secretário Especial da Cultura**

Hélio Ferraz de Oliveira

**FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — Funarte**

**Presidente**

Tamoio Athayde Marcondes

**Diretor Executivo**

Marcelo Nery Costa

**Diretor do Centro de Programas Integrados**

Zé Alex

**Gerente de Edições substituto**

Carlos Eduardo Drummond

**Diretor do Centro de Artes Cênicas**

José Mauricio Moreira

**Coordenadora de Teatro substituta**

Mere Bezerra

Para adquirir nossas publicações, envie e-mail  
para a Livraria Mário de Andrade: [livraria@funarte.gov.br](mailto:livraria@funarte.gov.br)

Alguns de nossos títulos estão disponíveis para download gratuito:  
<https://www.gov.br/funarte/pt-br/assuntos/edicoes-1>

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

# PRÊMIO FUNARTE DE DRAMATURGIA

200 ANOS DE ARTES NO BRASIL

VOLUME 2

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

**Equipe de Edições**

Cristiane Marinho  
Gilmar Mirandola  
Júlio Machado  
Maria José de Sant'Anna  
Rosilene Alves da Rocha

**Equipe Coordenação de Teatro**

Fernando Maatz  
Maria José da Silva

**Preparação de originais**

BR75 | Aline Canejo

**Projeto gráfico de capa**

BR75 | Raquel Soares

**Projeto gráfico de miolo**

BR75 | Catia Soderi

**Diagramação**

BR75 | Catia Soderi

**Revisão**

BR75 | Clarisse Cintra e Rowena Esteves

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Funarte/Coordenação de Documentação e Pesquisa**

---

Prêmio Funarte de Dramaturgia, 2021: 200 anos de Artes no Brasil / José Mauricio Moreira, organizador . – Rio de Janeiro : FUNARTE. Centro de Artes Cênicas, 2022.  
v. 2

ISBN 978655845014-6

Conteúdo: Independência – uma aventura no tempo / Maria Iranete. – Porandubinhas de um Brasil com Z / Celso F. Gayoso – A máquina do tempo e o Brasil / Luth. – Os dois nos vinte e dois / André Faxas. – A independência de Maria Quitéria / Juliana de Caldas Rosa.

I. Moreira, José Mauricio (Org.). 1. Teatro brasileiro. 2. Peças teatrais. 3. Teatro infantojuvenil.

---

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

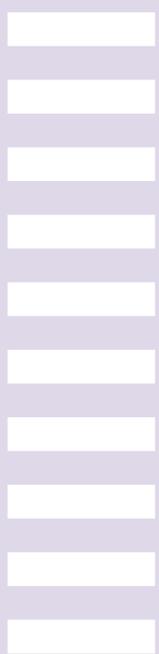
Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911

Rio de Janeiro — RJ | [livraria@funarte.gov.br](mailto:livraria@funarte.gov.br)

[www.funarte.gov.br](http://www.funarte.gov.br)

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>■ INDEPENDÊNCIA – UMA AVENTURA NO TEMPO .....</b>	<b>9</b>
<i>Maria Iranete</i>	
<b>■ PORANDUBINHAS DE UM BRASIL COM Z.....</b>	<b>61</b>
<i>Celso Francisco Gayoso</i>	
<b>■ A MÁQUINA DO TEMPO E O BRASIL .....</b>	<b>95</b>
<i>Luth</i>	
<b>■ OS DOIS NOS VINTE E DOIS .....</b>	<b>125</b>
<i>André Faxas</i>	
<b>■ A INDEPENDÊNCIA DE MARIA QUITÉRIA.....</b>	<b>163</b>
<i>Juliana de Caldas Rosa</i>	



## APRESENTAÇÃO

A Fundação Nacional de Artes (Funarte) lançou, em 20 de setembro de 2021, o Prêmio Funarte de Dramaturgia — 200 Anos de Artes no Brasil. Executada pela Coordenação de Teatro do Centro de Artes Cênicas da Funarte, a ação teve como objetivo o incentivo à literatura dramática, premiando 30 textos dramáticos inéditos nas modalidades Teatro Adulto e Teatro para Infância e Juventude das cinco regiões do país. O edital do prêmio indicou a abordagem da temática dos 200 Anos de Artes no Brasil, no âmbito do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022). Um importante desdobramento foi a possibilidade de publicação dos textos premiados em formato e-book com disponibilização na página eletrônica da Funarte.

Acompanhando o movimento da Funarte em aliar artes e inovação, a realização do Prêmio procurou estimular o surgimento de novos dramaturgos, valorizar o uso de novas tecnologias e mapear a produção da dramaturgia nacional. Pretendeu-se, ainda, valorizar os dramaturgos e os demais profissionais envolvidos na produção de Artes Cênicas, que estavam, à época, com suas atividades interrompidas devido à pandemia da COVID-19.

Este empreendimento também coloca a Funarte em consonância com as atividades comemorativas do Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022), de acordo com a Comissão Interministerial Brasil 200 Anos. O investimento de R\$ 848 mil, dividido em seis prêmios para cada região (R\$ 20 mil a R\$ 35 mil), obteve os resultados esperados: fomentar a escrita dramaturgica, com o tema “200 anos de Artes no Brasil”; fomentar a dramaturgia brasileira, por meio de textos inéditos; incentivar a cadeia produtiva das Artes Cênicas; e promover a visibilidade de dramaturgos nacionais. É papel da Funarte, nos entendimentos e nas ações de sua atual gestão, aliar as novas tecnologias digitais aos métodos criativos, inovadores e democráticos de mediação entre a criação artística e o público em geral.

Por fim, tal ação intenta contribuir para a geração de empregos e renda a profissionais que atuam no segmento artístico do Teatro, fortalecendo a economia da cultura em suas dinâmicas específicas. Ao considerarmos que a difusão dos textos premiados na página eletrônica Edições Online traz em si expressivo potencial de montagem desses textos em 2022 e futuramente, a partir do tema “200 anos de Artes no Brasil”, a Funarte participa, de maneira efetiva, das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil. ■

**Tamoio Athayde Marcondes**

Presidente da Funarte



INDEPENDÊNCIA  
UMA  
AVENTURA  
NO  
TEMPO



## PÁTRIA MÃE GENTIL

Maria Iranete

### Personagens

**Alberto**, adolescente de 13 anos que tem uma obsessão pela época da Independência do Brasil

**Jair**, professor de física e cientista “maluco” nas horas vagas, é bem ríspido. Tem, aproximadamente, 45 anos

**Bentinho**, garoto negro que vai ajudar Alberto a se infiltrar no Palácio Imperial

**Dom Pedro I**

**Princesa Leopoldina**  
(obs.: está grávida)

**José Bonifácio**, abolicionista

**Caetano Montenegro**,  
ministro da Justiça

**Martin Andrada**,  
ministro da Fazenda

**Luís Coutinho**,  
ministro da Guerra

**Luís da Cunha Moreira**,  
ministro da Marinha

**Zulmira**,  
escrava, mãe de Bentinho

**Padre Belchior**,  
clérigo da comitiva de Dom Pedro

**Arauto**

**Três soldados da comitiva  
de Dom Pedro I**

**Duas escravas jovens**

### CENA 1

### TOMARA QUE NÃO ME ARREPENDA!!!

*(A imagem do cenário virtual é uma sala de aula moderna. Adereços cênicos: mesa do professor, quadro-negro, estante com livros e carteiras. A cena começa com o senhor Jair, professor de física, sentado em sua mesa. Alberto se aproxima.)*

\* A proposta da montagem são cenários virtuais, complementados por adereços cênicos, que irão compor as cenas:

- ALBERTO** Com licença, professor Jair.
- JAIR** Oi, Alberto. Sente-se.
- ALBERTO** Desculpe incomodar, professor.
- JAIR** Não incomoda. Estou terminando umas anotações. Mas me diga: em que posso ajudá-lo?
- ALBERTO** Fico meio sem jeito...
- JAIR** Mas o que é isso, meu rapaz. Não precisa ter vergonha. Do que se trata?
- ALBERTO** Outro dia na aula, o senhor falou uma coisa que me fez pensar.
- JAIR** Mas essa é a intenção: fazer o aluno pensar.  
(*Risos*)
- ALBERTO** Verdade. Então, digamos que essa sua observação me fez pensar mais do que o normal.
- JAIR** Então, diga, meu jovem: do que se trata? Está me deixando curioso.
- ALBERTO** Lembra da aula sobre a Teoria da Relatividade?
- JAIR** Como não? A Teoria da Relatividade Geral, criada por Albert Einstein e apresentada na Academia Prussiana de Ciências, em 1915. O estudo afirma que a gravidade nada mais é do que distorções que uma massa provoca em um tecido espaço-tempo.

- ALBERTO** Isso mesmo. Mas o que me chamou a atenção foi o seu comentário depois da explicação.
- JAIR** (*Pensando*) E qual foi?
- ALBERTO** (*Olhando para todos os lados*) O da máquina do tempo!
- JAIR** Ah, é isso? (*Dissimulando*) Bobagens do velho físico frustrado que vos fala.
- ALBERTO** Não finja, professor. Sei que o senhor trabalha há muito tempo em algo no porão da sua casa.
- JAIR** (*Nervoso*) E como sabe disso?
- ALBERTO** A moça que faz faxina na minha casa é prima da que faz faxina na sua. Ela comentou com a minha mãe, e eu ouvi.
- JAIR** Fofoqueiras!!!
- ALBERTO** E disse mais...
- JAIR** (*Surpreso*) Fofoqueiras e linguarudas!  
(*Suspirando*) O que ela disse?
- ALBERTO** Que o senhor está criando uma máquina do tempo.
- JAIR** Bobagem!!! (*Jair levanta-se*) Se me dá licença, preciso ir...
- ALBERTO** (*Cortando Jair*) Eu me ofereço pra ir junto.

**JAIR** *(Girando nos calcanhares)* O que está dizendo?

**ALBERTO** Sei que vai precisar de um companheiro de viagem, e estou me oferecendo pra ir com o senhor.

**JAIR** Você enlouqueceu!

**ALBERTO** Não, professor. Acredite, nada me deixaria mais feliz.

*(Jair fica nervoso e caminha de um lado pro outro. Alberto fala sem parar.)*

**ALBERTO** Por favor... Não vai se arrepender... Pode contar comigo... Faço o que for preciso...

**JAIR** *(Nervoso)* Ok, para de falar. Não consigo raciocinar direito com esse falatório.

*(Jair volta a sentar-se à mesa e chama Alberto para perto.)*

**JAIR** O que fará para me convencer que posso confiar em você?

**ALBERTO** Tem a minha palavra, senhor.

**JAIR** Muito bem... *(Ele apanha um pedaço de papel e escreve algo nele)* Tome... Esse é meu endereço. Esteja hoje às 20h na minha casa. E nada de atrasos. Entendeu???

**ALBERTO** *(Pegando o papel eufórico)* Pode deixar professor. Obrigado! Valeu... Valeu mesmo.

**JAIR**

*Agora vá! (Alberto sai correndo, e Jair fica com o semblante preocupado, falando com ele mesmo)*

Tomara que eu não me arrependa disso!

*(Black. Troca de cenário. A imagem do cenário virtual mostra um porão. Adereços cênicos: caixas, jornal, vassoura, caixotes velhos; no centro do palco, uma enorme geringonça coberta por um lençol.)*

**CENA 2****CONHECENDO A MÁQUINA DO TEMPO**

*(Ouve-se uma conversa das coxias. O palco ainda está escuro.)*

**JAIR**

Cuidado onde pisa...

**ALBERTO**

Pode deixar, professor. *(Ruído de coisa caindo)* Ai, meu pé!

**JAIR**

Cuidado!!! Preciso de alguém inteiro pra ser meu ajudante.

**ALBERTO**

Relaxa!!!

*(A luz do palco se acende.)*

**JAIR**

Não repare a bagunça, meu rapaz. É que a faxineira está proibida de entrar aqui.

**ALBERTO**

É... Dá pra perceber...

- JAIR** Sem entrar, ela já sabe quase tudo o que acontece...  
Imagina se entrasse. (*Muda o tom*) Então, preparado?
- ALBERTO** (*Hesitante*) Acho que sim...
- JAIR** (*Puxando o lençol de cima da máquina*)  
Tchã-tchã-tchã-tchã!
- ALBERTO** (*Surpreso*) Uau! Essa é a...
- JAIR** Apresento a você “Independência”. Minha máquina do tempo.
- ALBERTO** (*Tentando se aproximar*) Oi, “Independência”... Sou o Alberto.
- JAIR** (*Dando um grito*) Afaste-se! Ela está carregada de energia estática. Um simples toque pode arremessá-lo uns cinquenta metros. Preciso liberar essa energia.
- (*Jair abaixa a maior alavanca que tem na máquina. Ouvem-se sons de ruído branco, e a luz oscila por uns segundos.*)
- JAIR** Pronto! Pode se aproximar, se quiser.
- ALBERTO** (*Curioso, o garoto se aproxima e toca na máquina*)  
Mas ela funciona?
- JAIR** Claro que funciona.
- ALBERTO** O senhor já testou?
- JAIR** É... Pois é... Testar assim, valendo... não!

- ALBERTO** E o que está faltando?
- JAIR** Alguém para fazer a viagem.
- ALBERTO** Este alguém, sou eu... Certo???
- JAIR** É.... pode ser...
- ALBERTO** Mas o senhor não vem junto?
- JAIR** Claro... Claro... Mas vem aqui que vou mostrar como ela funciona.
- (A cena mostra Jair com uma prancheta, com desenhos da máquina e mostrando os controles.)*
- JAIR** Essa aqui é a peça mais importante da “Independência”: a programadora de datas.
- ALBERTO** Programadora de datas?
- JAIR** Exato! É aqui que programamos a data no passado ou no futuro para onde a máquina vai nos levar.
- ALBERTO** *(Admirado)* Para o futuro também?
- JAIR** Claro, meu jovem. O “papai” aqui é fera!!!
- ALBERTO** E quando podemos ir?
- JAIR** Assim que tiver conseguido combustível suficiente.
- ALBERTO** Qual o combustível que ela utiliza?
- JAIR** Lixo!

- ALBERTO** *(Surpreso)* Lixo!?
- JAIR** Quinhentos quilos de lixo plástico são o suficiente.
- ALBERTO** Não entendi...
- JAIR** Eu explico. *(Jair puxa um caixote, e Alberto senta-se; o professor explica como se tivesse dando uma aula)*  
Existe um processo capaz de transformar plástico em combustível. A invenção funciona da seguinte maneira: pedaços de plástico são colocados em um reator a uma temperatura de 450 °C, onde são convertidos em um líquido composto por diesel, gasolina e resíduos de carbono. Essa ação é também conhecida como “recuperação energética dos resíduos” e pode ser empregada por meio de processos termoquímicos. No caso da “Independência”, usaremos a pirólise.
- ALBERTO** Pirólise?
- JAIR** A pirólise é uma reação de decomposição térmica, que ocorre por meio da exposição do lixo a altas temperaturas. Assim se obtém o biocombustível.
- ALBERTO** Mas isso não causa problemas para o meio ambiente, professor?
- JAIR** De modo algum. Trata-se de um processo seguro, e a destruição de resíduos pela via do tratamento térmico pode contar com os incineradores industriais e com o processamento em fornos de produção de cimento. Dessa forma, a natureza está segura.

- ALBERTO** Legal. Eu posso coletar o lixo lá de casa e da vizinhança.
- JAIR** Não precisa. Já cuidei dessa parte. Amanhã cedo, irão me entregar o biocombustível, e aí é só preparar as malas.
- ALBERTO** *(Levantando-se)* Que massa!
- JAIR** Agora precisamos nos concentrar num detalhe, digamos assim, fundamental.
- ALBERTO** Qual?
- JAIR** A data escolhida para nossa primeira viagem no tempo. Vamos para o passado ou para o futuro?
- ALBERTO** *(Eufórico)* O passado... lógico. Desde o dia em que estudei, no 6º ano, sobre a Independência do Brasil, esse passou a ser meu sonho recorrente... Estar presente na época da Independência do Brasil.
- JAIR** *(Pensativo)* Perfeito! Já parou pra pensar que a minha máquina não se chama “Independência” à toa???
- ALBERTO** Por quê... O senhor também!!!???
- JAIR** *(Entusiasmado)* Eu também, meu jovem, eu também. Imagina o burburinho na Corte nos dias que antecederam a Proclamação da Independência?

*(Eles começam a se movimentar por todo o palco. Jair pega um pedaço de tecido e imita uma capa.)*

**JAIR**

*(Agitando a capa)* A movimentação do povo nas ruas...

**ALBERTO**

*(Pegando um cabo de vassoura e usando-o como espada)* Os soldados apostos pelas rebeliões que aconteciam pelas províncias.

**JAIR**

Era um momento político conturbado, com conspiradores espreitando pelas sombras. *(Ele se esconde atrás das caixas.)*

**ALBERTO**

*(Pega a vassoura e transforma em cavalo)* Montado em seus cavalos, o exército português tentava amedrontar.

**JAIR**

Mas reagíamos bravamente, porque somos...

**JUNTOS**

Brasileiros!

*(Os dois, ofegantes, sentam-se nos caixotes sorrindo.)*

**JAIR**

Acho que já tô ficando velho pra isso.

**ALBERTO**

Professor, tenho uma pergunta: como vamos ocultar no ano de 1822 uma geringonça desse tamanho?

**JAIR**

*(Irritado)* Psiii! Não chame a “Independência” de geringonça que ela pode se chatear.

**ALBERTO**

*(Falando baixo)* Ahhh, desculpa... Não me liguei.

**JAIR** Então se liga... (*Mudando o tom*) Bem, respondendo à sua pergunta... Não se preocupa: pra tudo tem um jeito. Agora, melhor ir. Já está tarde.

**ALBERTO** Tudo bem, professor.  
Quando nos encontramos novamente?

**JAIR** Amanhã, pra viagem.

**ALBERTO** (*Eufórico*) Já?

**JAIR** Claro. Não podemos perder tempo. (*Lembrando-se de alguma coisa*) Ia me esquecendo de avisar: o limite da viagem no tempo, nessa máquina, é de 7 dias.

**ALBERTO** (*Surpreso*) Sério!? Quer dizer que só podemos passar 7 dias viajando?

**JAIR** Exato. Por isso precisamos planejar a viagem do dia 1º ao dia 7 de setembro de 1822.

**ALBERTO** E a que horas vamos sair?

**JAIR** (*Pensando*) Dom Pedro I proclamou a Independência do Brasil às quatro da tarde. Então, vamos marcar nossa entrada na máquina às cinco da tarde de amanhã, dia 1º de setembro de 2021. Porque assim voltaremos às seis da tarde do dia 7 de setembro pra nossa época. Combinado?

**ALBERTO** Uhuuu... Combinado. Assim, vamos poder ver Dom Pedro I dando o grito?

**JAIR** Talvez. *(Pensando)* Mas como vai justificar para seus pais sua ausência de uma semana?

**ALBERTO** Tá tudo sob controle... Não se preocupe com isso.

**JAIR** Então, tá bom. Agora melhor ir. Já está ficando tarde.

**ALBERTO** Vou nessa, professor. Até amanhã.

**JAIR** Até!!!

*(Alberto sai de cena.)*

**JAIR** *(Fazendo um carinho na máquina)* Amanhã é nosso dia, garota!!! *(Ele volta a cobrir a máquina com o lençol. Black.)*

## CENA 3

### A PARTIDA

*(Jair entra apressado no porão, com uma vasilha grande de combustível. Ele se aproxima da máquina.)*

**JAIR** *(Tirando a tampa do depósito de combustível e pondo o combustível)* É isso aí, garota, de sede você não vai parar. *(Risos; ele tampa o depósito e olha no relógio de pulso)* Onde se meteu esse garoto. Será que amarelou?

**ALBERTO** *(Esbaforido)* Desculpe professor, pelo atraso.

- JAIR** Depressa! Vamos ajustar o relógio da máquina.
- (Ele ajusta o painel que mostra 1 a 7 de setembro de 1822.)*
- JAIR** Mas, antes de irmos, precisamos nos vestir adequadamente.
- ALBERTO** *(Surpreso)* Que roupas são essas, professor?
- JAIR** Temos que nos vestir com trajes da época. Ou em pleno século XIX quer passar despercebido usando jeans e tênis?
- ALBERTO** Nem tinha pensado nisso!
- (Cada um sai de um lado do palco levando as roupas. Ouve-se uma sonoplastia, um tique-taque, indicando que o tempo está passando. Eles voltam para a cena.)*
- JAIR** Podemos ir, Alberto???
- ALBERTO** Vamos nessa, professor...
- (Eles entram na máquina ficando de pé e afivelam um cinto de segurança.)*
- ALBERTO** Boa viagem, professor!!!
- JAIR** Boa viagem, Alberto... *(Ele levanta a mão com o dedo indicador em riste)* Esse pode ser apenas um pequeno apertar de botão para o homem, mais um gigantesco avanço pra humanidade.

*(Ele aperta o botão da ignição. A porta da máquina se fecha, ouvem-se sons de ruídos branco, luzes oscilam e há o som de algo decolando. Ventiladores gigantes escondidos nas laterais do teatro dão ao público a ideia de deslocamento de ar, numa decolagem.)*

*(Black. Mudança de cenário.)*

## CENA 4

### A CHEGADA AO PASSADO

*(O cenário virtual mostra uma floresta. Entram em cena Alberto e Jair, que carrega uma pequena esfera prateada.)*

**ALBERTO** Fala sério, professor, que a “Independência” encolheu?

**JAIR** *(Repreendendo)* Veja lá como fala dela....

**ALBERTO** Desculpa, mas isso é incrível. O senhor é genial mesmo, pensou em tudo.

**JAIR** É bem prático. Posso guardar ela no bolso.  
*(Jair põe a esfera no bolso.)*

**ALBERTO** *(Olhando em volta)* Onde estamos???

**JAIR** Acredito que na Floresta da Tijuca, próximo ao Palácio de São Cristóvão.

**ALBERTO** *(Eufórico)* Um dos muitos palácios onde viveu a família real.

**JAIR** Onde vive... Não esqueça o momento em que estamos. Agora vem. Vamos tentar chegar até lá.

*(Jair e Alberto saem de cena enquanto o cenário virtual muda para a imagem do Palácio de São Cristóvão. Ouvem-se suas vozes da coxia.)*

**ALBERTO** Será que tá muito longe ainda, professor? Meus pés estão só bolhas!

**JAIR** Paciência! De acordo com a minha bússola...  
*(Eles entram em cena)* Chegamos!

**ALBERTO** *(Eufórico)* Yes!!! Eu não acredito.

**JAIR** Opsss! Nada de palavreado e gestos da nossa época aqui. Entendeu? Isso nos delataria rapidinho.

**ALBERTO** Desculpa!!!

**JAIR** *(Ríspido)* Não se desculpe. Contenha-se pra não errar.

*(Bentinho entra em cena. Ele traz nas mãos uma arapuca de pegar passarinho.)*

**BENTINHO** Boa tarde. Pelo visto, vosmecês estão perdidos.

**ALBERTO**  
**E JAIR** Boa tarde!!!

**ALBERTO** Estamos perdidos, sim.

**JAIR** Perdidos... Perdidos, não. Na verdade, estamos apenas confusos.

- BENTINHO** Não é preciso fingir, não. Tão perdidos, sim, mas vou ajudar.
- ALBERTO** Me chamo Alberto. E você...? Quer dizer... vosmecê.
- BENTINHO** Meu nome é Bento, mas todo mundo no Palácio me chama de Bentinho.
- ALBERTO**  
**E JAIR** *(Surpresos)* Palácio?!
- BENTINHO** Sim, eu trabalho no Palácio. Sou pajem da princesa Leopoldina.
- ALBERTO** *(Sem se conter)* Caraca... Fala sério!!!  
*(Jair tem um ataque de tosse pra disfarçar.)*
- BENTINHO** O senhor está bem?
- JAIR** *(Olhando de modo fulminante para Alberto)*  
Sinceramente, meu jovem, não!!!
- BENTINHO** Isso deve ser o frio. Venham comigo. Minha mãe é cozinheira e pode fazer alguma coisa quente pra comerem.  
*(Jair puxa Alberto mais pra trás.)*
- JAIR** Você ficou maluco de falar gírias?
- ALBERTO** Não vai mais acontecer.
- JAIR** Assim eu espero, porque não quero me arrepender de ter trazido você.

**BENTINHO***(Parando)* Vamos, cavalheiros, é por aqui o caminho.**CENA 5****DENTRO DO PALÁCIO***(O cenário virtual, mostra uma cozinha bonita e bem arrumada, mas rústica. Adereços cênicos: uma mesa comprida, alguidar de barro e dois bancos. A cena mostra três escravas que estão concentradas em seus afazeres. Elas preparam massa de pão em um grande alguidar de barro.)***BENTINHO**

Mãe Zulmira.

**ZULMIRA**

Onde diacho tu te meteu?

**BENTINHO**

A princesa Leopoldina pediu pra eu procurar lá na floresta uns cogumelos gigantes pra ela estudar na aula de bota... Bota...?

**JAIR**

Botânica, meu jovem. Aula de botânica!

**BENTINHO**

É isso aí que ele falou, mãe.

**ZULMIRA**Potoca! Tava bem caçando passarinho. Coisa feia isso. *(Percebendo os dois)* Posso saber quem são esses aí?**JAIR**

Boa tarde. Sou o professor Jair, de história natural. E esse é meu sobrinho, o Alberto.

**ALBERTO**

Boa tarde, vosmecês!!!

*(As três escravas caem na gargalhada.)*

**ALBERTO** *(Sem graça, pergunta a Jair)* Eu disse algo errado???

**JAIR** Elas são escravas. Não estão acostumadas a ser tratadas assim.

**BENTINHO** Eu achei eles perdidos na floresta, e parece que tão com fome e frio. Faz alguma coisa pra eles comerem, mãe.

**ZULMIRA** Quer dizer que aqui agora é estalagem pra forasteiro, é?

**JAIR** Desculpa. Não queremos incomodar.

**ZULMIRA** Sentem aí que vou preparar uma sopa, mas depois de comer podem dar no pé.

**JAIR** *(Tirando o chapéu)* Muito grato! *(Ele catuca Alberto com o cotovelo pra ele tirar o chapéu).*

*(As três escravas saem de cena. Ficam apenas Bentinho, Alberto e Jair.)*

**BENTINHO** Podem ficar à vontade. Minha mãe Zulmira parece braba com estranhos, mas depois que acostuma ela vira um doce de mulher.

**ALBERTO** *(Tirando o chapéu e sentando-se à mesa)* Obrigado por sua ajuda.

**BENTINHO** Disponha!!!

**ALBERTO** E o príncipe regente?

- BENTINHO** O seu Pedro? Quer dizer... Vossa Alteza? Viajou pra São Paulo. *(Alberto olha para Jair e sorri)* Eu ouvir dizer que ele foi firmar alianças com os fazendeiros e tentar acalmar o povo, pra preparar terreno para a Independência.
- JAIR** Isso é maravilhoso!
- BENTINHO** Mas o que eu e todos os escravos queríamos era que fosse abolida a escravidão.
- ALBERTO** Mas será, daqui a algum tempo.
- BENTINHO** Todos falam isso, mas nada acontece.
- JAIR** É só uma questão de tempo, Bentinho.
- BENTINHO** Que Nossa Senhora do Rosário lhe ouça, professor.  
*(Zulmira entra trazendo uma cesta de pão, e cada uma das outras moças traz pratos e colheres e coloca na mesa.)*
- ZULMIRA** Pronto! Quando acabarem, estão convidados a partir.
- BENTINHO** *(Repreendendo)* Ohhh, mãe!
- ZULMIRA** Te cala, Bentinho. Tu sabe que, se o feitor vir forasteiro aqui, vai chegar com o chicote em punho pra cima de nós.
- JAIR** Não se preocupe. Assim que acabar, vamos embora. Obrigado.

**ZULMIRA** Vem cá, Bentinho, que quero ter uma conversa de pé de ouvido com tu.

*(As três mulheres saem de novo.)*

**BENTINHO** Vou esperar os senhores lá fora!!!

*(Jair e Alberto tomam a sopa.)*

**ALBERTO** E agora? O que vamos fazer?

**JAIR** Estou pensando em uma maneira de conseguir comprar uns favores e permanecer aqui no palácio.

**ALBERTO** Comprar como?

**JAIR** Pensei em tudo, meu jovem. *(Ele tira do bolso do casaco um saco com moedas antigas.)*

**ALBERTO** São réis, dinheiro da época. Mas como conseguiu?

**JAIR** Fui a um leilão em um antiquário e arrematei, por pouco mais de vinte reais, a quantidade de moedas que hoje daria pra comprar uma fazenda.

**ALBERTO** Nossa, professor. O senhor é demais!!!

*(Jair e Alberto estão terminando a sopa quando a princesa Leopoldina entra na cozinha, chamando por Zulmira.)*

## CENA 6

**O ENCONTRO COM LEOPOLDINA**

**LEOPOLDINA** *(Entra falando da coxia)* Zulmira... Zulmira, prepare meu banho morno.

*(Zulmira entra correndo seguida por Bentinho e as outras duas escravas.)*

**ZULMIRA** *(Admirada)* Alteza! Não precisava vir aqui embaixo.

**LEOPOLDINA** Precisava, sim... Como ia avisar que necessito tomar banho, se todos nesse palácio sumiram?  
*(Percebendo Jair e Alberto)* Boa noite, senhores.

**ALBERTO  
E JAIR** *(Curvando-se)* Alteza!!!

**ZULMIRA** O professor e seu sobrinho já estão de saída, Vossa Alteza!

**LEOPOLDINA** *(Admirada)* Professor???

**JAIR** Sim, Alteza. Sou Jair, professor de história natural, e esse é meu sobrinho, Alberto.

**LEOPOLDINA** Que coisa incrível! Depois de tanto tempo, até que enfim recebemos a visita de um professor neste palácio. Sejam bem-vindos o senhor e o seu jovem sobrinho.  
*(Incisiva)* Venham comigo agora. Um mestre jamais deve ser servido na cozinha. *(Ela para e se vira, falando com Zulmira)* Suspenda o banho e providencie agora mesmo o quarto de hóspedes para estes cavalheiros.

*(Jair e Alberto entreolham-se, sorridentes.)*

**LEOPOLDINA** Me acompanhem por gentileza. *(Eles saem de cena.)*

**ZULMIRA** *(Brigando com o filho)* Tá vendo, sua peste, pra que tu serve?

**BENTINHO** Tem mais é que me agradecer. Viu só como a princesa ficou feliz?

**ES CRAVA 1** Isso é verdade. Ficou mesmo!!!

**ES CRAVA 2** Fazia tempo que não via a princesa tão alegre.

**ZULMIRA** Ah, e vocês duas, fechem essas matracas e vão arrumar o quarto de hóspedes. Não ouviram a princesa, não???

*(As duas saem apressadas. Bentinho senta-se à mesa.)*

**BENTINHO** Só por isso, amanhã vai fazer marmelada pra mim, né, mãe???

**ZULMIRA** O mais perto que tu vai chegar da marmelada é levando umas lambadas na canela com vara de marmelo, seu moleque...

*(Bentinho sai correndo rindo ao redor da mesa, vai por trás e dá um beijo estalado na bochecha da mãe.)*

**ZULMIRA** Arre! E ainda me baba toda! Volta aqui, Bentinho...  
*(Gritando)* Bentinho!!!

*(Black. Mudança de cenário.)*

## CENA 7

**UMA CONVERSA COM A REALEZA**

*(A projeção da imagem no cenário mostra uma sala do palácio muito bem decorada. Adereços cênicos: pequena mesa; sobre a mesa, um vaso de porcelana com rosas e quatro cadeiras estilo colonial).*

*(A cena começa com Jair, Alberto e Leopoldina sentados, conversando.)*

**LEOPOLDINA** Aceita beber algo, professor? Um licor, talvez um xerez? E pra você... *(Tentando lembrar o nome.)*

**ALBERTO** Alberto... Alberto é meu nome, Alteza.

**LEOPOLDINA** E pra você, Alberto, um suco de tamarindo?

**JAIR** Não se preocupe. Estamos bem.

**LEOPOLDINA** Os senhores são convidados do meu marido?

**JAIR** *(Nervoso)* Sim... Quer dizer, não... Na verdade, somos parentes distantes da esposa do conde de Souzel.

**LEOPOLDINA** *(Surpresa)* Ahhh... Um dos nossos ministros da Marinha? Manuel Farinha?

**JAIR** Isso mesmo.

**LEOPOLDINA** Que mundo pequeno! Fico feliz em recebê-los. Amanhã ele estará aqui. O Conselho de Estado irá se reunir, para definir umas coisas muito importantes para a Independência do Brasil.

- ALBERTO** É, nós sabemos...
- LEOPOLDINA** *(Sem entender)* Como sabem? Essa reunião é estritamente sigilosa.
- JAIR** O que meu sobrinho quis dizer é que... Sabemos que nessas reuniões sempre coisas importantes são decididas.
- ALBERTO** Tenho certeza de que será um dia muito importante.
- LEOPOLDINA** Sem dúvida!!!
- JAIR** Soube que o príncipe regente Dom Pedro se encontra viajando, não é mesmo?
- LEOPOLDINA** Sim. Pedro deve estar em Santos a uma hora dessas. Santos possui uma importância estratégica tanto do ponto de vista comercial como militar. Foi o que o levou até essa cidade. Entre várias coisas, Pedro foi verificar as fortificações, já que lá está um dos principais portos do Brasil, dominado por pessoas fiéis a nós.
- JAIR** Soube também que Portugal continua insistindo para que o príncipe, seu esposo, retorne para lá.
- LEOPOLDINA** *(Em tom de confidência)* Só aqui entre nós, ontem chegaram cartas de Lisboa, querendo reduzir o Brasil de novo a uma mera colônia, e exigiram a volta de Pedro para Portugal. Por isso marcamos a reunião do Conselho pra amanhã. Aceito tudo, menos que essa nação pungente volte a ser uma mera província dos lusos.

**ALBERTO** Entendemos e lhe damos total apoio.

**LEOPOLDINA** Grata, senhores. Apesar da conversa estar maravilhosa, preciso descansar. Amanhã será um longo dia, e essa barriga... *(Passando a mão na barriga de grávida)* É tão pesada quanto a coroa que temos sobre a cabeça. *(Ela se levanta)*

**JAIR** Claro, Alteza!

*(Jair e Alberto levantam-se e curvam-se.)*

**LEOPOLDINA** Meninas... *(Zulmira e as duas escravas entram)*  
Acompanhem os cavalheiros até seus aposentos, e tu, Zulmira, venha esfregar minhas costas. Essa dor na coluna me estafa. *(Pausa; olhando Alberto e Jair)* Boa noite!!!

**ALBERTO  
E JAIR** Boa noite, majestade!!!

*(Black. Mudança de cenário.)*

## CENA 8

### COM UM JEITO IMPETUOSO

*(A imagem no cenário virtual é uma sala de reunião austera. Adereços cênicos: mesa redonda e quatro cadeiras (móvel antiga). Jair e Alberto conversam empolgados.)*

**ALBERTO** É difícil de acreditar, professor, que estamos na sala onde daqui a poucas horas vai ocorrer a reunião do Conselho de Estado.

**JAIR** E onde será assinado o Decreto da Independência. Que será fundamental para o Brasil se tornar um país livre de vez.

**ALBERTO** Isso é muito emocionante. Pena não ter trazido meu celular para registrar.

**JAIR** Nem pensar uma coisa dessas. Por isso disse pra não trazer nada do nosso tempo. Como não consegui estudar essa parte, vai que um objeto do futuro possa causar alguma alteração na “Independência”.

**ALBERTO** Você está certo, professor. “Melhor prevenir do que remediar”, como diz meu avô.

*(Leopoldina entra em cena. Ela usa um vestido amarelo-ouro, com os cabelos presos no alto da cabeça.)*

**LEOPOLDINA** Bom dia, cavalheiros. Vejo que também gostam de acordar cedo.

**ALBERTO**  
**E JAIR** *(Curvam-se)* Bom dia, Alteza.

**LEOPOLDINA** É hoje o grande dia. Logo os ministros estarão presentes.

**ALBERTO** Posso lhe pedir uma coisa, Alteza?

**JAIR** *(Repreendendo)* Alberto!!!

- LEOPOLDINA** Deixe o garoto, professor!!! Peça. Se eu puder atender...
- ALBERTO** Poderíamos participar do Conselho?
- JAIR** (*Nervoso*) É claro que não, Alberto. Isso são modos?
- LEOPOLDINA** Por mim, não tenho objeção nenhuma. O problema são os ministros. Eles são muito sisudos. Não têm senso de humor.
- JAIR** Ignore meu sobrinho. Como todo jovem, ele é impetuoso.
- LEOPOLDINA** Gosto disso nas pessoas. Sempre demonstra atitude e caráter forte.
- ALBERTO** Obrigado!
- LEOPOLDINA** Vamos ver. Talvez, se ficarem discretos em um canto da sala, posso dizer que são meus convidados.
- ALBERTO** Muito obrigado, Alteza.
- LEOPOLDINA** Não tem de quê.  
  
(*Bentinho entra em cena apressado.*)
- BENTINHO** (*Esbaforido*) Alteza! Alteza! O conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva acaba de chegar no palácio.
- LEOPOLDINA** Ótimo!!! Ainda bem que ele chegou mais cedo... Diga que estou na sala do conselho, Bentinho.

**BENTINHO** É pra já, Alteza!!! *(Ele dá um aceno para Alberto e Jair, que acenam de volta.)*

**LEOPOLDINA** *(Sacudindo a cabeça)* Ah, esse Bentinho... Parece um azougue. Não para quieto.

**JAIR** Não queremos atrapalhar. Se quiser, podemos aguardar no corredor.

**LEOPOLDINA** Não precisa. Sentem-se e participem da conversa. O senhor Andrada é bem tranquilo.

*(José Bonifácio entra em cena carregando uma pasta de couro com papéis.)*

**JOSÉ BONIFÁCIO** *(Cumprimentando)* Vossa Alteza!!!

**LEOPOLDINA** Senhor Andrada, esses são dois amigos, o professor de história natural e seu sobrinho.

**JAIR** *(Estende a mão para José Bonifácio)*  
Jair de Alcântara a seu dispor. Este é meu sobrinho, Alberto.

**JOSÉ BONIFÁCIO** *(Cumprimenta-os)* Sejam bem-vindos.

**LEOPOLDINA** Eles são parentes da esposa do conde de Souzel.

**JOSÉ BONIFÁCIO** Então, bom falar seu nome, porque lembrei de avisar que ele não poderá vir, saiu em missão marítima, mas o senhor Luís Moreira, o outro ministro da Marinha, estará presente.

**LEOPOLDINA** Ainda bem!!! *(Pausa)* Professor, Alberto... Podem ficar à vontade. Preciso conversar com o senhor Andrada. Com licença.

*(Leopoldina e José Bonifácio se afastam um pouco para o canto da cena, enquanto Jair e Alberto permanecem sentados, observando tudo. De vez em quando, eles se entreolham. A luz cai sobre Leopoldina e Bonifácio, enquanto se abre um foco em Alberto e Jair.)*

**ALBERTO** Eles são parecidos com as gravuras que os livros de história mostram, mas achei a princesa Leopoldina mais bonita e o senhor Bonifácio menos austero.

**JAIR** Concordo com você. Curioso como ela é alta. Sempre acreditei que era uma mulher frágil, pelo menos na compleição física.

**ALBERTO** Só se for, porque a atitude dela em relação à Proclamação da Independência lhe agiganta.

**JAIR** Vou tentar apurar os ouvidos para ver se consigo captar o que conversam.

**ALBERTO** Sim, vamos tentar.

*(O foco diminui sobre Jair e Alberto e abre sobre Leopoldina e Bonifácio.)*

**LEOPOLDINA** Quero lhe dar ciência que o reconhecimento do Império do Brasil pela corte de Viena já está garantido.

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

Fico mais tranquilo em saber que seu pai nos apoia. Tenho razões para dizer que não será fácil a Independência. Ainda haverá muito sangue derramado. Mas raramente conquistas são tranquilas.

**LEOPOLDINA**

Precisamos agir depressa. O tempo urge!!!

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

*(Abrindo a pasta)* Aqui está o Decreto da Independência. Basta apenas sua assinatura para iniciarmos esse árduo processo. E creio que, depois do Brasil liberto, acabar com a escravidão será nosso próximo passo.

**LEOPOLDINA**

Vamos começar a reunião do Conselho então.

*(Abre-se foco sobre Jair e Alberto.)*

**ALBERTO**

Acho que vai começar, professor. *(Pausa)* Estou tão emocionado. Isso parece um sonho!!!

**JAIR**

O sonho de nossas vidas, Alberto. Poder estar presente junto aos grandes personagens da nossa história, em um dos momentos mais importantes da Independência do Brasil, isso é sublime.

**ALBERTO**

Ver nossos heróis em carne e osso, e não apenas através de gravuras... *(Suspiro)* Chega meu coração bate forte!

## CENA 9

**A ASSINATURA DO DECRETO**

*(Abre luz geral e um escravo de libré anuncia, batendo com o bastão no chão, cada um dos personagens, que entram por ordem de chamada, reverenciam a princesa e se posicionam no palco.)*

**ARAUTO**

*(Apregoando)* Sua Alteza Real, presentes à Reunião do Conselho: senhor Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ministro da Justiça. *(Pausa)* Senhor Martim Francisco Ribeiro de Andrada, ministro da Fazenda. *(Pausa)* Senhor Luís Pereira da Nóbrega de Sousa Coutinho, ministro da Guerra, e senhor Luís da Cunha Moreira, ministro da Marinha.

**LEOPOLDINA**

*(Posiciona-se na cabeceira da mesa, tendo a seu lado José Bonifácio enquanto os demais ministros permanecem de pé)* Está aberta a sessão do Conselho de Estado neste dia 2 de setembro de 1822. Eu, Maria Leopoldina, na condição de princesa regente do Brasil, lidero esta sessão. E abro a pauta comunicando a todos que Portugal está cada vez mais disposto a fazer com que o Brasil retroceda a um status colonial absurdo. *(Ela se dirige a José Bonifácio)* Senhor Andrada... *(Ele tira da pasta de couro algumas folhas de papéis, com o selo quebrado, e entrega à princesa, que os deposita sobre a mesa)* Vejam, esses são os despachos de Lisboa que chegaram à Corte, pouco tempo depois de o príncipe regente partir em viagem para a província de São Paulo, e ameaçam seriamente o governo do Brasil.

*(Ouve-se um burburinho, e os ministros acercam-se da mesa.)*

**LUÍS  
COUTINHO**

*(Pegando um dos papéis e lendo)* Isso é indigno. Como podem nos fazer uma ameaça dessa?  
*(Ele mostra as cartas)*

**CAETANO  
MONTENEGRO**

Não podemos permitir esse retrocesso para o Brasil.

**LUÍS MOREIRA**

E Vossa Alteza, Dom Pedro, tem dado notícias de São Paulo?

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

Ele está recebendo muito apoio de fazendeiros e coronéis que desejam a Independência.

**LUÍS  
COUTINHO**

Não vamos aceitar isso. Se é guerra que querem esses lusos, guerra eles terão.

**MARTIN  
ANDRADA**

Não creio ser o caminho mais acertado, senhores. Como ministro da Fazenda, afirmo que não temos condições de fazer guerra contra quem quer que seja, ainda mais contra Portugal. Os cofres públicos estão quase vazios.

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

Concordo, meu irmão. Por isso que a única medida cabível é proclamar a Independência de uma vez por todas.

**LEOPOLDINA** Pedi para o senhor Andrada redigir um documento, o qual denominei Decreto de Independência do Brasil. Eu irei assiná-lo e enviarei uma carta a Dom Pedro para que, assim que ele a receba, proclame a Independência do Brasil.

**JOSÉ  
BONIFÁCIO** Todos de acordo?

*(Ouve-se um burburinho. Todos falam ao mesmo tempo. José Bonifácio levanta-se e retira o decreto da pasta, pondo diante da princesa. Ela pega a pena e diz com ênfase.)*

**LEOPOLDINA** Na qualidade de princesa regente do Brasil, assino agora o decreto que nos libertará dos grilhões de Portugal.

*(Leopoldina assina o documento e levanta-se. Todos aplaudem sua atitude. Foco sobre Alberto e Jair.)*

**ALBERTO** *(Chorando)* Desculpa, professor, não consigo me conter.

**JAIR** *(Chorando)* Nem eu...

**ALBERTO** *(Surpreso)* O senhor está chorando, professor?

**JAIR** *(Tentando dissimular)* Eu, chorando??!! Não claro que não. Homem não chora, meu jovem. Foi um cisco que caiu no meu olho.

**ALBERTO** *(Irônico)* Cisco é??? Sei!!!

*(O foco volta para Leopoldina e os ministros.)*

**LEOPOLDINA** Agora eu e o senhor Andrada, conselheiro do príncipe regente, escreveremos duas cartas, contando a real situação de ameaça que o Brasil está sofrendo. Bem como dando recomendações desse Conselho de Estado ao futuro imperador.

**JOSÉ  
BONIFÁCIO** E mandaremos um mensageiro entregá-las a ele em São Paulo.

**CAETANO  
MONTENEGRO** Até essas cartas chegarem às mãos de dom Pedro, serão muitos dias.

**MARTIN  
ANDRADA** Concordo com o ministro Caetano. Talvez seja tarde demais.

**LEOPOLDINA** Usaremos os cavalos mais velozes de que dispomos.

**LUÍS  
COUTINHO** E qual o teor da carta, Alteza?

**LUÍS  
MOREIRA** Pedes que Dom Pedro proclame a Independência quando voltar?

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

Na verdade, pediremos a ele para que proclame a Independência onde estiver. O teor de minha carta é bem direto. *(Ele pega a carta e lê em voz alta)* “Senhor, as Cortes ordenaram minha prisão, por minha obediência a Vossa Alteza. E, no seu ódio imenso de perseguição, atingiram também aquele que se preza em o servir com a lealdade a dedicação do mais fiel amigo e súdito. O momento não comporta mais delongas ou condescendências. Como ministro, aconselho a Vossa Alteza que fique e faça do Brasil um reino feliz, separado de Portugal, que é hoje escravo das Cortes despóticas.”

*(Todos aplaudem.)*

**LEOPOLDINA**

Perfeito, senhor Andrada. Sem mais delongas, minhas palavras ratificam as suas. *(Pegando papel e a pena)* Ouçam com atenção. *(Ela dita em voz alta o conteúdo da carta enquanto escreve)* “Meu querido e muito amado esposo, o Brasil será em vossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará a sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrece.”

*(Todos aplaudem, inclusive Alberto e Jair.)*

**ALBERTO**

*(Aplaudindo)* Bravo, Alteza... Bravo!!!

*(Todos se viram para olhar o garoto.)*

**JAIR**

*(Sem jeito)* Não reparem. Ele está emocionado, assim como eu. Somos defensores da Independência há muito tempo!!!

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

*(Chamando pelo arauto)* Arauto!!! Chame os correios. Antônio Ramos Cordeiro e Paulo Bregaro, eles serão os mensageiros de tão importantes notícias.

**ARAUTO**

Ordens dadas, ordens cumpridas... Irei chamá-los imediatamente!!!

*(A cena continua com os ministros e a princesa, falando e gesticulando. O foco abre sobre Alberto e Jair.)*

**ALBERTO**

Se pudéssemos falar que as cartas serão entregues a tempo, acalmaríamos o coração da princesa.

**JAIR**

Verdade!!! Mas isso não pode nem sequer acontecer em sonho. Poderíamos até mudar o rumo da história.

**ALBERTO**

Isso que queria lhe perguntar, professor. Podemos mudar o futuro, com nossas ações no passado?

**JAIR**

De acordo com o Paradoxo das Linhas de Tempo Alternativas, o passado não pode ser modificado, de forma alguma. Isso é impossível. Assim, qualquer tentativa de mudá-lo por um viajante irá causar o surgimento de uma linha de tempo alternativa, ou seja, um universo paralelo. Um local coexistente ao presente de onde ele veio, paralelo à linha temporal original a partir daquele ponto de mudança, em que ele mudou as coisas. A simples chegada do viajante ao passado já causaria sua mudança e faria surgir uma nova dimensão, tão real quanto aquela da qual ele veio.

**ALBERTO**

*(Admirado)* Nossa, isso é um “quebra-cuca”! Mas esse paradoxo é absoluto?

**JAIR**

Não... Existem centenas de outros paradoxos. Por isso, tenho muitas dúvidas. Melhor deixar quieto.

**ALBERTO**

Concordo!!! *(Risos.)*

*(Abre-se novamente uma luz geral. O Arauto retorna, apressado, aproxima-se de José Bonifácio e lhe fala algo ao ouvido.)*

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

Atenção, senhores... *(Todos fazem silêncio e olham pra José Bonifácio)* Ambos os mensageiros encontram-se impossibilitados de entregar nossas cartas

*(Ouve-se um burburinho.)*

**LEOPOLDINA**

*(Surpresa)* Como assim, senhor Andrada?

**JOSÉ  
BONIFÁCIO**

O mensageiro Paulo Bregarro encontra-se enfermo. Provavelmente padece de malária, e Antônio Cordeiro viajou para a Província do Grão-Pará para o sepultamento de sua genitora.

*(Ouvem-se novo burburinho e muita agitação na sala.)*

**ALBERTO**

Eu não acredito, professor... Então a história está errada?

**JAIR**

Lógico que não. Deve haver algum mal-entendido.

**ALBERTO**

Será que nossa presença afetou o rumo da história?

**JAIR**

Não tenho essa resposta, meu jovem. *(Pensando)* Mas é possível que sim.

**ALBERTO**

Agora só tem um jeito...

**JAIR**

Qual?

**ALBERTO**

*(Falando para todos)* Nós levaremos as cartas.

**JAIR**

*(Puxando pelo braço e sussurrando)* Você endoidou de vez? É isso?

**ALBERTO**

*(Falando com Jair)* Podemos reprogramar a máquina do tempo e ir ao encontro de Dom Pedro.

**JAIR**

Não sei se posso fazer isso...

**LEOPOLDINA** *(Alegre; chama os forasteiros)* Aproximem-se.  
*(Jair e Alberto aproximam-se)* Deus seja louvado!!!  
 Eu sabia que vocês não estavam aqui por acaso.

**JAIR** Mas, Alteza, eu não tenho certeza  
 se conseguiremos.

**JOSÉ  
 BONIFÁCIO** É claro que irão conseguir. São tão inteligentes  
 e espertos quanto os outros dois mensageiros.  
*(Chamando pelo arauto)* Arauto... Levem esses  
 senhores até o estábulo e diga ao cavaliariço para  
 selar os dois cavalos mais rápidos que temos, pois  
 eles acabaram de receber uma missão heroica.  
 Entregar ao príncipe regente o documento que nos  
 libertará do jugo português. *(Todos aplaudem)*  
 O Conselho de Estado está encerrado, senhores.

*(Todos saem. Ficam apenas Leopoldina, Alberto e Jair.)*

**LEOPOLDINA** *(Entrega a eles dois envelopes lacrados)* É grandiosa  
 a missão de vocês. Lembrem-se: não parem por  
 nada. Se tudo correr bem, devem estar amanhã,  
 próximo das quatro horas, na presença do futuro  
 imperador do Brasil. *(Pausa)* Ajoelhem-se.  
*(Os dois ajoelham-se. Ela põe as mãos sobre a  
 cabeça dos dois)* Eu os abençoo. Que Deus estejam  
 convosco nessa missão!

**ALBERTO  
 E JAIR** Amém!!!

*(Leopoldina sai. Ficam apenas Jair e Alberto, que se  
 põe de pé.)*

- JAIR** (*Nervoso*) Eu não acredito que você fez isso, Alberto.
- ALBERTO** (*Entusiasmado*) Isso é fantástico, é grandioso, é estupendo...
- JAIR** É idiota, isso sim. Não sei se vou conseguir reprogramar a máquina do tempo. E, se em vez de irmos para o Ipiranga, formos para... a Revolução Francesa ou a Guerra do Vietnã...? Sei lá.
- ALBERTO** Vai dar tudo certo. É só programar a Independência para a data e a hora corretas.
- JAIR** Agora não tem mais volta... Vamos pegar os cavalos e escondê-los na floresta, programar a máquina e rezar.
- ALBERTO** De uma coisa, temos certeza: Dom Pedro I recebeu as cartas. Então, triunfaremos.
- JAIR** Você, melhor do que eu, sabe que os problemas com os mensageiros foi uma falha no hiperespaço-tempo causada por nossa vinda pra cá. Agora, sim, estou certo disso.
- ALBERTO** Então, mais um motivo para consertarmos as coisas. (*Pausa; eufórico*) Pense, professor: a Independência do Brasil será proclamada graças a nós. E tem mais...
- JAIR** (*Irritado*) Tem mais o quê?

**ALBERTO** Não só vamos ver o Grito do Ipiranga de camarote, como dizem. Também vamos participar do evento. *(Comemorando)* Demais!!!

**JAIR** Jovens!!! Da próxima vez, me lembra de trazer uma fita adesiva pra colar essa sua boca grande.

**ALBERTO** *(Rindo)* Tá bom, mas agora vamos. A liberdade do Brasil depende de nós!!!

## CENA 10

### A REPROGRAMANDO A “INDEPENDÊNCIA”

*(A imagem de cenário é a mesma floresta da Cena 4. Alberto e Jair estão nervosos.)*

**JAIR** Você escondeu bem os cavalos?

**ALBERTO** Sim, professor.

**JAIR** *(Nervoso)* Bem, agora é o momento de saber se vou ou não conseguir reprogramar a máquina do tempo.

**ALBERTO** Pensamento positivo sempre, professor. Essa é a chave do sucesso.

**JAIR** *(Irônico)* No momento, estou mais preocupado com a chave da ignição.

*(Jair tira do bolso a pequena esfera e mexe em alguns botões.)*

**JAIR** Pronto! Reprogramada — saída em 2 de setembro de 1822 e chegada em 7 de setembro de 1822. Às margens do riacho Ipiranga.

**ALBERTO** *(Comemorando)* Yes!!! Eu sabia que íamos conseguir.

**JAIR** Não cante vitória antes do tempo. Eu apenas programei. Deixe pra comemorar quando chegarmos no destino. Prepare-se!!!

*(Jair põe a esfera no chão e concentra-se. A esfera gira, gira, mas nada acontece.)*

**ALBERTO** *(Abrindo apenas um olho)* Xiii ... Não saímos do lugar.

**JAIR** *(Nervoso)* Eu sabia... Sabia que não ia funcionar. E agora?

**ALBERTO** Tem certeza de que ativou todos os controles?

**JAIR** Claro que ativei todos os controles. *(Ele pega a esfera e rapidamente solta, abanando a mão)* Uau...! Isso tá muito quente.

**ALBERTO** *(Toca na esfera)* Nossa, tá quente mesmo!

**JAIR** *(Irritado)* Claro que está quente. Não sou mentiroso!

**ALBERTO** Calma, professor... *(Tira um lenço do bolso da calça)* Posso dar uma olhada?

**JAIR** Não sei pra quê! Você não é físico.

**ALBERTO** Verdade. Mas ainda assim posso dar uma olhada?

**JAIR** *(Irritado, sentando-se no chão)* Pode!!!

*(Alberto pega a esfera, analisando-a minuciosamente.)*

**ALBERTO** *(Pensando)* Professor, lembra-se daquela aula que o senhor citou uma frase do Einstein? “A diferença entre passado, presente e futuro é somente uma persistente ilusão?”

**JAIR** Claro!!! Essa frase foi tirada de uma carta que ele escreveu em 1955 para consolar a viúva de seu melhor amigo e faz referência ao conceito de espaço-tempo proveniente da sua Teoria da Relatividade Geral.

**ALBERTO** Estou vendo aqui que o senhor programou a máquina hoje, 2 de setembro de 1822. Se a teoria de Einstein estiver certa, então passado, presente e futuro coexistem juntos e misturados, e talvez seja isso que esteja dando errado.

**JAIR** Não estou entendendo seu raciocínio, meu jovem.

**ALBERTO** Desculpe, professor. Estou me enrolando todo para dizer que eu acho que a máquina tem que ser reprogramada com a data presente no futuro.

**JAIR** Acha que a máquina deve ser programada com a data de 2 de setembro de 2021?

**ALBERTO** Exatamente!!! Com o mesmo ano da sua primeira programação.

**JAIR** *(Pensando; surpreso)* Garoto, você é um gênio!!!

*(Jair pega a esfera e reprograma, colocando-a no chão.)*

**ALBERTO** Agora a coisa vai!!!

**JAIR** Concentre-se para o momento que queremos ir, meu jovem... e *bon voyage!*

*(A esfera começa a girar, ouve-se um forte zunido seguido de um ruído branco, a luz oscila e os viajantes são envoltos em fumaça e uma ventania.)*

*(Black. Mudança de cenário.)*

## CENA 11

### A MISSÃO

*(A imagem do cenário mostra uma colina próxima ao riacho Ipiranga. Vemos o padre Belchior Pinheiro e três soldados que entram em cena conversando, mas eles demonstram cansaço. Eles conversam e bebem água em cantis rústicos. Alberto e Jair entram em cena.)*

**ALBERTO** *(Apontando para os soldados)* Veja, professor, é a comitiva de Dom Pedro.

**JAIR** *(Apressado)* Depressa, Alberto, pegue as cartas.

*(Alberto tira as cartas do bolso interno da casaca. Os soldados, ao verem os dois correndo na direção deles, levantam-se e põem as baionetas em riste.)*

**SOLDADO 1** Alto lá. Não vos aproximeis!

**SOLDADO 2** Somos a comitiva do príncipe regente Dom Pedro.

**SOLDADO 3** Sois inimigos ou amigos de Vossa Alteza?

**ALBERTO** *(Gritando e agitando as cartas)* Amigos... Amigos!!!

**JAIR** *(Ofegante)* E trazemos notícias urgentes da Corte. Cartas do ministro Andrada e da princesa Leopoldina.

**PADRE BELCHIOR** Aproximem-se, senhores. Bebam uma água e descansem um pouco.

**JAIR** Obrigado, padre Belchior.

*(Eles se sentam e bebem água.)*

**ALBERTO** Onde está Vossa Alteza Dom Pedro?

**SOLDADO 2** Ele está... *(Soldado 1 bate em seu ombro.)*

**SOLDADO 1** Está com uma ligeira indisposição... E encontra-se descansando.

**SOLDADO 3** Devo chamá-lo?

**PADRE BELCHIOR** São os novos mensageiros?

**ALBERTO** Na verdade, estamos substituindo Bregaro e Cordeiro.

**JAIR**

Bregaro está enfermo, com malária, e Antônio Cordeiro foi para o funeral da mãe na província do Grão-Pará.

*(Dom Pedro I aproxima-se, para surpresa de Alberto e Jair, que rapidamente se levantam e se curvam diante do príncipe.)*

**DOM PEDRO I**

Que balbúrdia é essa? Não pode mais um monarca descansar?

**ALBERTO**

**E JAIR**

*(Curvando-se)* Vossa Alteza!!!

**DOM PEDRO I**

Quem são esses senhores???

**JAIR**

Me chamo Jair. Sou professor de história natural, e este é meu sobrinho, Alberto. Viemos a pedido da princesa Leopoldina, sua esposa.

**PADRE**

**BELCHIOR**

Eles trazem cartas com notícias importantes da Corte.

*(Alberto entrega as cartas ao padre, que as lê rapidamente, enquanto Dom Pedro caminha nervoso.)*

**DOM PEDRO I**

Então, quais são as notícias, padre?

**PADRE  
BELCHIOR**

As piores possíveis. Uma carta do ministro Andrada diz que recebeu ordem de prisão das Cortes de Lisboa, por ser fiel a Vossa Alteza. E sua esposa, a princesa Leopoldina, apela para o seu bom senso e diz que a Independência do Brasil tem que ser proclamada com a máxima urgência.

**CENA 12****O GRITO**

*(Dom Pedro I, irritado, arranca das mãos do padre as cartas, amassa-as e as joga na relva. Padre Belchior abaixa-se, pega os papéis amassados e guarda na batina.)*

**DOM PEDRO I** Obrigado, senhores, por sua colaboração. *(Jair e Alberto se curvam.)* E, agora, padre Belchior, o que faremos?

**PADRE  
BELCHIOR**

Se Vossa Alteza não se faz rei do Brasil, será prisioneiro das cortes e, talvez, deserddado por elas. Não há outro caminho senão a Independência e a separação do Brasil de Portugal.

*(O príncipe, preocupado, dá alguns passos. De repente, ele para e fala com energia.)*

**DOM PEDRO I** *(Enérgico)* As cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de rapazinho e de brasileiro. Pois verão agora quanto vale o rapazinho. *(Ele desembainha a espada e brada)* Estão, para sempre, quebrados os laços que nos ligavam ao governo português! E, quanto aos torpes daquela nação, convido-os a fazer assim. *(Ele embainha a espada.)*

**DOM PEDRO I** Laços fora, soldados!!!  
  
*(Ele arranca do chapéu que usa a fita azul e branca e a joga no chão, pisando em cima. Logo todos os soldados tiram dos braços o mesmo distintivo, dando-lhe igual destino.)*

**PEDRO I** *(Gritando)* Viva o Brasil livre e independente!

**SOLDADOS** *(Desembainhando suas espadas, junto a Alberto e Jair, que, de pé, gritam)* Viva o Brasil livre e independente!  
Viva Dom Pedro, seu defensor perpétuo!

**DOM PEDRO I** *(Gritando)* Por meu sangue, por minha honra e por Deus, farei do Brasil um país livre. Brasileiros, de hoje em diante, nosso lema será... *(Ênfase)*  
Independência ou morte!

**TODOS** *(Ênfase)* Independência ou morte!!!

**DOM PEDRO I** O Brasil está livre de Portugal!!!

*(Black. Mudança de cenário.)*

## CENA FINAL

*(A imagem do cenário é a do velho porão do professor Jair. Vemos as mesmas tralhas e caixotes e a “Independência”, máquina do tempo, no centro do palco. Jair está sentado já com roupas da época atual. Vemos as roupas usadas na viagem sobre os caixotes. Alberto está eufórico e fala sem parar.)*

**ALBERTO**

Foi muita emoção quando ele gritou “Independência ou morte”!!! Não foi, professor? *(Fala sem olhar para Jair, os olhos apenas concentrados nas lembranças)* E quando dom Pedro agradeceu para nós dois... Nós dois... Isso foi inesquecível. *(Pausa)* Acho que nossa próxima viagem deve ser para o Dia da Assinatura da Lei Áurea decretando o fim da escravidão no Brasil. Podemos ir semana que vem. O senhor pode programar dia 13 de maio de 1888... Ou podemos fazer melhor: a gente volta de novo pra 1822 e convence a princesa Leopoldina, Dom Pedro e os ministros a abolir a escravidão mais cedo. O que o senhor acha, professor?

*(Alberto percebe que Jair está triste e distante.)*

**ALBERTO**

O que houve, professor?

**JAIR**

Não vai mais haver viagem no tempo, meu jovem. Hoje mesmo vou desmontar a “Independência”.

**ALBERTO**

*(Sem entender)* Mas por quê???

**JAIR**

Tenho muito medo das alterações que podemos fazer na história. Você viu que nossa ida para 1822 alterou a entrega das cartas a Dom Pedro. E, se não tivéssemos conseguido reprogramar a máquina do tempo, e feito a viagem até as margens do Ipiranga, e nós mesmos entregue as correspondências?

*(Alberto senta-se ao lado de Jair e torna-se taciturno.)*

**JAIR**

Não podemos mudar a história. As coisas acontecem do jeito que têm que acontecer. Não tem como mudar o passado. *(Jair levanta-se e Alberto levanta-se em seguida. Eles marcam o centro do palco na frente da máquina do tempo)* Mas podemos escrever a história futura de um Brasil pungente e cada vez mais próspero, livre e independente de qualquer opressão que queira tirar nossa liberdade.

**ALBERTO**

Para que nossos heróis do passado não tenham lutado em vão pela independência do nosso...

**TODOS**

Brasil!!!

*(Black.)*

**FIM ■**



PORANDUBINHAS

DE UM  
BRASIL  
COM  
Z



# PORANDUBINHAS DE UM BRASIL COM Z\*

Celso Francisco Gayoso

## Personagens

Ayo	Saruezin Um
Aponem	Saruezin Dois
Mãe de Ayo	Saruezin Três
Mãe de Aponem	Francês/português/espanhol/ japonês/inglês
Guarda	Awery
Saruê	Mãe de Awery
Dona Saruá	Koké, cachorro

Esta dramaturgia propõe uma outra mirada histórica sobre os duzentos anos das artes no Brasil, narrada por Aponem e Ayo, duas crianças que vivem o cotidiano do século XIX e imprimem suas visões de mundo infantil sobre fatos históricos e acerca das notícias que reverberavam pelos coretos da vila. Entre fuzarcas e reinações, elas observam a transformação do país desde o grito de Dom Pedro às margens do Ipiranga e recontam a transformação do Brasil, de modo muito peculiar. A partir do encontro repentino com uma família de saruês, suas brincadeiras e peripécias levam-nos a outras temporalidades e espacialidades e permitem uma viagem histórica, entre arcaísmos e modernidades de nosso país, criando, assim, uma nova *porandubinha* do país tropical.

*Poranduba* é o termo para referir-se aos fatos e notícias em antanho. Crianças escravizadas eram utilizadas como messageiras de recados e/ou vendedoras de libelos. Eram, assim, difusoras de porandubas. Poucos são os registros textuais sobre a infância ao longo desse período. Durante as expedições naturalistas europeias, artistas e inventores registraram visualmente as crianças das Cortes imperiais portuguesa e brasileira, além das paisagens cotidianas e, fugindo literalmente dos quadros, é possível observar as demais crianças do Brasil, ao fundo. Aqui, um conjunto de imagens históricas é o pano de fundo das cenas desta dramaturgia, que transcende temporalmente a história oficial do Brasil com Z.

---

\* A versão original do texto foi escrita com letra minúscula e utilizando vocábulos que sugerem a oralidade das personagens. Na fase de edição, optou-se por considerar a regra gramatical vigente no que se refere à pontuação, respeitando a grafia dos vocábulos criados.

O roteiro dramatúrgico a partir de imagens tem por objetivo uma nova história da arte brasileira com ênfase nessa parte da população que era pouco observada, mas que nessa dramaturgia recebe voz e tem suas formas de observar o cotidiano levadas em conta. A partir dessa estrutura, são possíveis, além da proposição de uma nova historiografia, a análise e o estudo sistemáticos de obras que trazem em suas composições o universo infantil, configurando-se, assim, como material pedagógico para o estudo das artes. Entre o lúdico e o histórico, entre a fruição estética e a pedagogia, *Porandubinhas de um Brasil com Z* é uma convocatória para repensar a história da arte brasileira a partir da perspectiva infantil.

Por isso, amarrem suas ceroulas e liguem seus smartphones para catar as referências que a viagem de Ayo e Aponem pelo mundo das artes brasileiras já vai começar...

## CENA 1

### **MENINOS BRINCANDO DE SOLDADO OU O PRIMEIRO ÍMPETO DA VIRTUDE GUERREIRA, DE JEAN-BAPTISTE DEBRET (1827)**

- APONEM** Ayo, s'a mãe tá tiririca da vida.
- AYO** Falei pr'ela que vinha brincá co'cê.
- APONEM** Né por isso, nam.
- AYO** Éuquê?
- APONEM** Muringa!
- AYO** Cê contô?
- APONEM** Nam! Mas qui'cê tinha pra fazer xixi na muringa, Ayo?
- AYO** Ah, inté o imperadô já fez xixi n'água!
- APONEM** Mas nera de bebê... Foi no rí.

- AYO** Mé a água c'a gente bebe né do rí?
- APONEM** É!
- AYO** Puis xixi dele é diferente?
- APONEM** El'é grande!
- AYO** Mija mais!
- APONEM** El'é imperadô!
- AYO** Mas virô imperadô criança, inguá nós.
- APONEM** Mé e'libertô o Brazi.
- AYO** Foi nam, foi pai dele que gritô na bêra do rí e diz que tarra de andaço.
- (Fazem gesto de obrar e caem na risada.)*
- APONEM** *(Interrompe)* A pois trate de andá tomém, que s'a mãe é vem.
- AYO** Aponem, será qué por isso que fala númuro na hora de arriá?
- APONEM** *(Irônico)* Cê vai fazê o Dão Pedro númuro hum ou númuro doi?
- AYO** *(Monta em cavalinho de pau)* Corre, que mãe vem de nariz aberto.
- APONEM** Junta ca's criança brincano de soldado, pa ela num pegá nós.

## CENA 2

**FAMÍLIA BRASILEIRA NO RIO DE JANEIRO, DE JEAN-BAPTISTE DEBRET (1839)**

**MÃE** Nada de malinagi, sinhô Ayo. Cabeidi serví almoço de dona Ofrásia. Vô pa fêra. Cuida dos di cumê pro saruê num pegá.

**AYO** Ma's faci o pegá u'saruê, iaiá.

**MÃE** Ai, ai ai. Do chêro qui'cê tá, capaz del'achá quié parente. Anda já pra tina, banhá! Tira sa'nhaca. E nada de surrá us bicho. Só dá susto.

**AYO** *(Em tom de brincadeira)* Iaiá tomém num banhô, né? Tem saruê ni s'a trunfa.

*(A Mãe desespera-se e coloca a mão no turbante, mas não encontra nada.)*

**MÃE** *(Zangada)* Urgh! Só num lhe dô uma escovadela modiquê tô trasada pra vendição de quitute na fêra. Mas num pensa ocê que tá livre da pisa.

**AYO** Iaiá falô co já nasci livre. Qui sô ventre é livre, que vô dexá de sê bichin de dona Ofrásia. Vô sê forro...

**MÃE** Vô é forrá a mão ni s'a fuça se num pará de respondança. Avia a banhá e cuida dos mantimento. Fica de oio aberto co saruê. *(Mãe sai)*

**SARUÊ** Ayô, cadê você? Preciso de sua ajuda.

- AYO** *(Assustado)* Vala-me, Jesus Maria José! Tô teno pilora, ouvino chamação de minha graça.
- SARUÊ** *(Rindo)* Graça eu tô achando é de seu trimilique, Ayo. Deixe de coisa. Sou eu aqui embaixo, o saruê.
- AYO** *(Benze-se)* Eita, num devia ter mascado liambra mais Aponem. Agora tô teno avejão de bicho falano mais eu.
- SARUÊ** Tá nada. Psiu! *(Ayo olha para o chão)* Ayo, minha companheira teve cria e nossos filhotes fugiram. Agora, temos que achar eles e colocar dentro da bolsa.
- AYO** *(Atônito)* Saruê fala e fala engraçado. Desconjuro...  
*(Quebra)* Na bursa? Cê vai vendê os fiote? Iguá dona Ofrásia fez c'oz ermão de minha mãe?
- SARUÊ** Não é nada disso, Ayo. Minha mulher tem uma bolsa na barriga onde cria nossos filhotes. Eles entraram no turbante de sua mãe.
- AYO** Então, deve de sê que tem lei de ventre livre pros saruê. Seus fiotes zarparo da barriga de dona Saruá pra andar livre pro mundo afora.
- SARUÊ** A gente é livre, Ayo. Ventre livre, pra nós, é barriga solta. *(Faz barulho de pum)*
- AYO** *(Tapa o nariz)* Tá bão, seu Saruê. Nheu vô te ajudar. Vô falar com Aponem, e a gente vai precurá seus fio. Mas, ó, vai tomá um banhinho que o cê tá puro gambá.

## SARUÊ

Ó quem fala. Os urubus já estão fazendo plano de aterrissagem no seu quintal.

*(Ayo sai de casa.)*

## CENA 3

### O BATUQUE, DE SPIX E VON MARTIUS (1817)

## MÃE

*(Na feira do porto, anunciando seus produtos)*

Chegô no pedaço dona Fia, mãe  
A quitandeira de mão cheia  
Trago balangandã bonito  
Pra adorná sinhazinha fêa

Na mão direita, tenho broa  
Na esquerda, trago angu  
Sunta, deixe de conversa à toa  
Chegue, Vilásio, toca esse lundu

Vendo galinha, pato, marreco  
Troco por ouro, cobre e prata  
No tabuleiro de dona Fia tem tanto treco  
Pro barão, pro caboco e pra mulata

Peixe seco, camarão, farinha  
Agulha, pano e carretel de linha  
Gengibre, inhame e cará  
Caju, manga e gravatá

Num me faz voltá de balaio cheio  
 Tem rosca fofinha com goiabada de recheio  
 Tudo que quisé, pode chegá, aqui tem  
 Leva o que qué, mas deixe meu vintém

*(Filhotes de saruê pulam do turbante para a roupa de Mãe, que começa a se coçar, dançando em ritmo de batuque. A cena causa um rebuliço e a guarda imperial chega.)*

**GUARDA** Vossa mercê, num pode fazê essas negrices no paço.

**MÃE** Seu guarda, eu num sei co'queu faço, mé num consigo pará de me bulí.

**GUARDA** Apois vô contar inté dez. Ocê para ou vô tê que levá vossa mercê.

**MÃE** Tô tentano, mé num consigo. Tá me dano um faniquito da cacunda no imbigo.

**GUARDA** Um... Dois... Seis... Quatro... Oito... Sete... Três... Nove...

**MÃE** *(Para de se mexer)* Vossa senhoria num sabe nem contá? Comé qui vai me prendê?

**SARUEZIN UM** Acho que é o número do celular dele, dona Fia.

**MÃE** Vala-me Deus. Tem voz ni minha cabeça.

**GUARDA** Vô lhe levá pro xilindró, insolença. Pela balbúrdia e com coisa de encantamento, falano e ouvino voz.

**MÃE** Eu lhe juro por Nossa Senhora da Conceição e São Binidito: ovi u'a voz falá no meu zuvido. Não me leve presa, seu guarda. Tenho fi.

*(Guarda leva Mãe para a cadeia.)*

**SARUEZIN DOIS** *Tablet, tablet!* Eu quero meu *tablet!*

**SARUEZIN TRÊS** *Slime, slime!* Onde foi parar minha *meleca?*

**MÃE** Ô, agunia de vida. Presa! Quem vai cuidá de meu fi Ayo? Sozinha no mundo e não tem como nem falá com el'.

**SARUEZIN UM** Dona Fia, se a senhora encontrar o celular no seu turbante, eu ligo pro pai que tá na sua casa e aviso.

**MÃE** Ô, minha Nossa Senhora. A voz tá falano comigo e o num tô entendo nada, só turbante. *(Os filhotes de saruê pulam do turbante. A mãe se desespera)* Ó lá sei de selo lá.

**SARUEZIN DOIS** Se acalme, dona Fia. Nós vamos lhe ajudar.

**MÃE** *(Tenta atacar aos filhotes)* Vão nada. Tava me roubano, minhas comida.

**SARUEZIN TRÊS** A gente não pegou nada não. Só estávamos querendo falar com Ayo.

**MÃE** Falar o que com meu erê?

**SARUEZIN UM** A gente veio do futuro, em que temos muitas tecnologias e vamos tirar a senhora daqui. Vou mandar mensagem pro pai com nossa localização, e já, já eles chegam.

## CENA 4

**APIACÁS, DE HERCULE FLORENCE (1828)**

*(Ayo vai à aldeia de Aponem.)*

**AYO** Aponem, ocê tem queí lá em casa agora.

**APONEM** Num posso. Vô ficá famoso no quadro que o hõmi vai pintá de nós.

**AYO** Aponem, ô preciso d'ocê pra ajudá c'um negoço. É sério!

**APONEM** Ayo, vai embora. O num vô saí dessa rede pra nada. *(Aponem está sorrindo no fundo do quadro)*

**AYO** Cê vai vê: tô de mal. *(Ayo vai embora e Aponem vai logo depois atrás do amigo)*

**APONEM** *(Bate na porta de Ayo)* Ayo, vamo brincá. Deixe de calundu.

**AYO** Tô brabo, nam. Tenho segredo, mé num pode contá nem pra sua sombra.

**APONEM** Danô-se. Ela já tá aqui bem detrás. Diz logo qu'eu fico de curuba de curiosidade. *(Coça-se)*

**AYO** Aponem, acho co'cê tá de coceira né de curiosidade, nam. É pur caso del's. *(Aponta para o saruê)*

**APONEM** *(Assusta-se e tenta atacar o bicho)* Gambá fedido de uma figa!

- AYO** Para, Aponem! Ele é camarada, e os fí dele foro pra rua no turbante de mãe.
- APONEM** Ayo, cê tá tomando chá de quê? Saruê amigo de gente... Cabaro com os mí de fazê cauim.
- AYO** El num rouba, nam. Tarra só cum fome. Fez viaji longa, e os fiote del's fugiro.
- APONEM** Cê tá bestano, Ayo. Eu vou dá uma flechada nesse bicho já.
- DONA SARUÁ** E seu disser pra sua mãe que quem mijou na tapioca foi você?
- APONEM** (*Estático*) Comé qu'ocê sabe?
- DONA SARUÁ** Não só sei como tenho imagens. (*Mostra vídeo no tablet.*)
- AYO** Credo em cruz, dona Saruá pinta milhê de que o gringo. O desenho dela inté mexe.
- DONA SARUÁ** Não, isso é um *tablet*, um aparelho que pode fazer muitas coisas.
- APONEM** Incrusive inferno na vida dozôto. Parece a Jurema do cacique. Mostra tudo.
- (*Sinal de mensagem chega.*)
- SARUÊ** Ayo, meus filhos estão com sua mãe na cadeia, acabaram de mandar mensagem.

**AYO** *(Aflito)* Mãe presa. Vai perdê a liberdade que comprô com tanto custo.

**DONA SARUÁ** Fique calmo. Vamos salvar sua mãe e nossos filhos. Só temos que andar depressa.



CENA 5

**FAZENDA DE QUISSAMÃ NAS CERCANIAS DE CAMPOS, DE VICTOR FROND (1858)**

**APONEM** *(A caminho da cadeia)* Ó lá, Ayo. As crianças tudo brincano de corre-cutia.

**AYO** Aponem, mãe tá presa e ocê tá pensano em entretém.

**APONEM** Como a gente sabe se tá memo? Eles falô que recebero mensaji. Num vi carta niuma.

**SARUÊ** A gente veio do futuro. Lá a gente se comunica por aparelhos como este. Não precisa escrever carta.

**AYO** Ah, tão esquece de tudo. Eu memo num sei escrevê, nem Aponem.

**APONEM** Né porque a gente num escreve que esquece. Ô sei tudo de meu povo, só de vê e ouví as história dos mais véio.

**AYO** Os mais véio sabe demais memo. Gente aprende co'es, já que num vamo na escola.

- DONA SARUÁ** Isso é absurdo. Vocês deviam estar estudando na escola.
- APONEM** Dona Saruá, ô sô da tribo; e Ayo, da escravidão. A gente num pode fazê estudo.
- SARUÊ** Pode, sim, e deviam estar na sala de aula.
- AYO** Cês, saruê, tem cada zideia... Além de falá dum jeito engraçado, fala umas coisas... Onde já se viu gente de cô e índio estudá.
- DONA SARUÁ** Se vocês não acreditam, a gente vai levar vocês pro futuro, por onde chegamos aqui.
- APONEM** Ô quero. Leva eu.
- AYO** Ô também. Leva eu.
- SARUÊ** Tudo bem, mas tem uma coisa: vocês vão ter que se molhar.
- APONEM  
E AYO** Ah, nam, seu Saruê. Banho, nam.
- DONA SARUÁ** O portal do tempo é o no poço do fundo da fazenda.
- APONEM** Mé tem que ir pé por pé pás otra criança num vim atrás.
- AYO** E mãe presa... Num vô deixá ela lá.

**DONA SARUÁ** Não se preocupe, Ayo. Eu tenho um plano.  
Vamos!

*(Todos partem para o poço para viajar para o ano de 2022, mas algo acontece e eles param no “meio do caminho”).*

## CENA 6

### MORRO DA FAVELA, DE TARSILA DO AMARAL (1924)

*(No radinho de pilha, toca “Urubu”, de Os Oito Batutas.)*

**AYO** Aponem, onde nós tá? Fica junto d’eu. Num se embrenha nos mato.

**APONEM** Ques mato, Ayo! Parece que derrubaro tudo e fizeram essas kijeme esquisita na ribancêra.

**AYO** Uns casebrin mixuruca. Nem deve cabê os sinhô mais os escravo drento.

**DONA SARUÁ** Dizem que a escravidão acabou nesses tempos, Ayo, mas seu povo, filhos e netos tiveram que buscar onde morar e vieram pro morro.

**APONEM** Pelo menos a vista é bunita! Mas não tem rí. Onde rum’água?

**AYO** Bão que não tem. Num precisa banhá.

**LOCUTOR  
DO RÁDIO**

Você acabou de ouvir, de Os Oito Batutas, “Urubu”.

*(Ayo cheira-se.)*

**SARUÊ**

Nesses tempos, o povo todo tá saindo das matas pra morar na cidade. Modernidade: rádio, cinema, bonde.

**APONEM**

Cada hora, cês vem cuns palavreado novo.

**DONA SARUÁ**

Estão ouvindo esse som? Vem do rádio. É uma caixinha de tocar música.

**AYO**

E como cabe o povo do batuque todo aí? Faz encantamento e encói pra caber?

**DONA SARUÁ**

Não. Esse som chega aqui nessa caixinha pelas ondas do ar.

**APONEM**

*(Chama no canto)* Ayo, dona Saruá é meio lelé. Onda só tem é nu má.

**SARUÊ**

Esperem só até ver o cinema. Vocês verão o que é encantamento.

**DONA SARUÁ**

O bonde pro cinema passa lá embaixo em meia hora. Vamos!

**AYO**

*(No bonde)* Essas carroça anda rápido que só, né? Mé quedê os cavalo?

**APONEM**

É os fio, tantam. Óia lá, tudo marrado. Aí o povo puxa lá do odo lado.

- SARUÊ** (Ri) Não. É tudo movido a eletricidade, tipo do raio quando cai do céu.
- AYO** (*Chama no canto*) Saruê acha que sô boboca de creditá nessa bravata. (*Pega no fio e toma choque; Aponem tenta ajudar e fica grudado em Ayo*)
- DONA SARUÁ** Crianças, é perigoso pegar nos fios. Pelo menos carregou meu *tablet*. Obrigada. Chegamos!
- (*Descem do bonde na porta do cinema.*)
- APONEM** Ques tocha bonita! Como que faz pra segurá a chama tempão?
- SARUÊ** Não. Isso são as lâmpadas, Aponem. É feito um candeeiro, só que ligado com fio de eletricidade.
- AYO** Ihhhh... Vô nem mexê. Inda tô chocado do bonde.
- DONA SARUÁ** (*Som de mensagem*) Saruê, as crianças disseram que tá uma confusão na cadeia. Dona Fia bateu nos guardas e fugiu da prisão.
- SARUÊ** Essa dona Fia é brava, viu?! Ninguém segura. Vamos! Atrás do cinema tem uma fonte com um poço. Lá a gente consegue voltar pro tempo de vocês.

## CENA 7

**NEGRA VENDEDORA, DE ALBERTO HENSHELL (1870)**

*(Dona Fia sai da prisão.)*

**MÃE**

*(Fazendo os movimentos)* Sunta, precisava de vê. Foi um voo de murcego no peito dum, um rabo darraia nôto e capei o gato. Se dona Ofrásia descobre qu'eu tavo na cadeia, me mata.  
*(Benze-se)*

**SARUEZINS**

*(Cantando em ponto de capoeira)* Aquibabá, aquilelê, nego nagô fede mais que saruê.  
*(Cheiram-se e riem)*

**MÃE**

Fui nas carreira pra casa tomá banho chêroso. Nem vi Ayo. Apois, o piô já passô. Agora chegue todo mundo pra compra com dona Fia.

*(O cheiro de alfazema rescende na feira.)*

**FRANCÊS**

*Mademoiselle, comment tu t'appelles?*

**MÃE**

Pele? só tem de porco frita, *monsieur*. Toucinhê!

**ESPAANHOL**

*Señorita, bailas muy bien!*

**MÃE**

Bala? Não. De doce, tem marmelada, bom-bocado e bolinho de estudante, *cariño*.

**INGLÊS**

*Lady, you have a very nice greengrocery.*

- MÃE** É muito insolência. Vim em minha quitanda me chamar de grosseira. *Get out!*
- PORTUGUÊS** Rapariga, seus acepipes são por demais fixe.
- MÃE** Ah, pronto! *Fish* não é ingrês, gente? Tem só peixe seco pra farofa, gajo.
- JAPONÊS** *Ogenki desu ka?*
- MÃE** *Okyaku-sama*. Já disse. Tem só peixe seco; *sashimi* não. E agora vô fechá a banca que isso aqui não é alfândiga. *Arigatô!*
- SARUENZINS** “Defuma com as ervas da Jurema, defuma com arruda e guiné, benjoim, alecrim e alfazema, vamos defumar filho de fé”.
- MÃE** Sunta, o num tô tantam. Os sariguezín veio mais eu na trunfa cantano. Juro pelo imbigo de Ayo.



## CENA 8

### MONUMENTO À VOZ DE ANASTÁCIA, DE YHURI CRUZ (2019)

- APONEM** (*Pega panfleto com imagem de Anastácia livre*) Ayo, Ayo. Ó pá qui. É Nega Nastaça sem masca de frandi na boca.
- AYO** Eita! E’a tá livre. Mas cê arreparô que tá tudo mundo de mordança de pano?

- SARUÊ** *(Entregando máscaras)* Ayo, Aponem, coloquem essas máscaras. Viemos parar no século XXI e vivemos uma pandemia. Ninguém pode andar sem máscara na rua.
- APONEM** Ó qui cousa... Tanto tempo passô e agora o povo tem de saí nas ruas c'a boca tampada.
- AYO** O mundo no futuro tá tantam. Magina.
- APONEM** E tudo isso por causa dum panda que mia. *(Imita som de gato)*
- DONA SARUÁ** Não é isso, não, Ayo. Pandemia é uma doença que ataca muita gente. Vivemos em tempos de coronavírus. Tem que usar máscara e lavar a mão sempre.
- APONEM** Inda bem qué só mão. Se fosse banho intêro, Ayo num ia sobrevivê.
- AYO** Ocê deixe de bule comigo. Né co num gos'de bain, só inconomizo água.
- APONEM** Mé... Dona Saruá, ca'diquê Nastaça pode andá sem mordança?
- DONA SARUÁ** Vivemos em um tempo que a escravidão já acabou há anos. Não há mais castigos e condições humilhantes a seu povo e nem ao de Ayo.
- AYO** Mé, dona Saruá, só tem gente inguá eu trabaiano na rua. Parece que num mudô. Ó po hõmi varreno. Ó pa mulé que vende no passeio inguá mãe. É tudo inguá eu.

**APONEM** Vôte! Uns parente tudo bêbedo ali de junto da fonte. Que será que foi pra el's?

**SARUÊ** Aponem, é triste! Muito de seu povo tem sido expulso e não tem tido pra onde ir.

**AYO** Vô lá falá pr'es levantá e voltá pro ilê del's.

**DONA SARUÁ** Ayo, acho que nós também devemos voltar pra nossa casa.

**APONEM** *(Aparece um beija-flor)* Ó, o petéketom! É inguá o *tablet*, dona Saruá. O bejafrô traz mensagi pra nós. É anunciador de porandubas.

*(Todos entram na fonte pra fazer a viagem no tempo, menos Aponem.)*

CENA 9

**TODO TERRITÓRIO É INVENÇÃO, DE DENILSON BANIWA (2019)**

**APONEM** E agora? Todo mundo sumiu, e eu tô aqui nesse tempo doido. Parente na rua sem kijeme pra morar.

*(Aparece um cachorro vira-lata caramelo.)*

**APONEM** Koké, Koké! Vem, Chulim.

**CACHORRO** Aponem, cê tá perdido, né?

- APONEM** É que mes'amigo pularo na fonte e viajaro sem eu.
- CACHORRO** Mas não se preocupe: eu vim da aldeia de seu povo. Sei o caminho. Me acompanhe. (*Aponem distraído; quase é atropelado por um carro*) Au-au!
- APONEM** Que pressa! Parece que deixô tapioca no tacho.
- CACHORRO** Aponem, esses tempos são mesmo de correria. Vai ver que muita coisa mudou na aldeia.  
  
(*Chegam à aldeia que parece um shopping center.*)
- APONEM** Mé tá pareceno a fêra do passeio. Parente vendendo tudo. Até o manto de pena de gavião.
- CACHORRO** Aponem, é triste ver tudo isso, mas seu povo não tem tido outra alternativa. Até os curumim têm que vender artesanato na praia.
- AWERY** Ei, parente, vem cá. Cê é da barra velha? Junta mais nós.
- APONEM** Eu sou o Aponem. Foi o bejafrô que me avisou pra ficar aqui.
- AWERY** Ah, o petéketom é nosso amigo e te trouxe pra nós.
- APONEM** Mé a gente vai brincá de quê?
- AWERY** Brincá? Temo que vendê artesanato na praia.
- APONEM** Mé tá errado. Criança tem que brincá.

**AWERY** A gente brinca enquanto vende.

**APONEM** Awery, tá errado. Num é pa sê assim. Dona Saruá falô que nesse tempo nós é livre e curumim tem que estudá.

**AWERY** Cê até parece que vive no século dezenove.

**APONEM** Awery, nós num vai vende é nada. Vamo banhá no rio. Voltá pros kijeme.

**AWERY** Mas mãe vai brigá comigo!

**APONEM** Sô mais véi. Umbó falá mais ela.

*(Voltam pra aldeia.)*

## CENA 10

### **LARGO DO CASTELO, DE AUGUSTO MALTA (1921)**

**AYO** Seu Saruê, a gente entrô na fonte, mé Aponem ficô lá. Mãe dele vai ficá tiririca.

**SARUÊ** Ayo, Aponem não veio na viagem conosco e agora tá preso cem anos pra frente.

**AYO** El' né bandido pra ficá preso cem ano não. Eu vô lá salvá.

**DONA SARUÁ** *(Crianças gritam para pegar os saruês)* Ayo, eu acho que a gente vai ter que dar no pé.

- AYO** Mas o que cê fez pr'els?
- SARUÊ** Fizemos nada, Ayo. Eles tão com fome e querem comer eu e ela.
- AYO** Comê saruê? Onjaceviu? Cêis tão louco? Saruê num se come, nam.
- SARUÊ E DONA SARUÁ** Correeee!
- DONA SARUÁ** (*Já longe*) Essas crianças vivem no morro e não têm o que comer, Ayo.
- AYO** Mãe del's num faz quitute?
- SARUÊ** Eles são órfãos da pandemia.
- AYO** Peraí... A pandemia num foi cem ano pra frente? Onde Aponem tá?
- DONA SARUÁ** Não, Ayo. Essa foi outra.
- AYO** Ah, minha nossinhora! Esse panda que mia mata mais de que onça!
- DONA SARUÁ** (*Barulho de mensagem*) São as crianças. Disseram que estão adorando sua mãe, que ela já se livrou da cadeia.
- AYO** Ufa! Manda um bilete pra ela aí. Fala que tô co sodadi.
- SARUÊ** Vamos fazer melhor: vamos fazer uma *call*.

**AYO** Desdi quando aquele pó branco manda mensagem?

**SARUÊ** Não é cal de passar na parede. É *call*, de chamada, ligação.

**AYO** É vein cousa.

**DONA SARUÁ** Oi, filhotes, como estão? Se divertindo com dona Fia?

**SARUEZIN UM** Mãe, ela deu uma bicuda na porta da cadeia e bateu no guarda.

**SARUEZIN DOIS** A cocada de dona Fia é a melhor do mundo.

**SARUEZIN TRÊS** A que horas vocês vêm buscar a gente?

**DONA SARUÁ** Tivemos um probleminha na viagem, mas logo chegaremos. Ayo quer falar com dona Fia.

**AYO** Quedê mãe? Ó, ela ali. Dona Saruá, a senhora é boa de mandinga.

*(Dona Fia vê Ayo na tela e fica eufórica, achando que ele tá preso na tela, e quebra o equipamento pra “tirar” Ayo de lá.)*

**SARUÊ** Dona Fia quebrou o *tablet* e não tem mais como a gente falar com eles no passado.

**AYO** Eita! Mãe é bruta memo. E agora?

**DONA SARUÁ** Vamos ter que usar nossos saberes ancestrais. Eu sou mãe. Sinto cheiro dos meus filhotes de longe.

**AYO** Parece que não é só mãe que é braba. Quiqu'ela vai fazê?

**DONA SARUÁ** (*Sentindo o cheiro no ar*) É por ali!

**SARUÊ** Mas aí voltaremos pra onde estão aquelas crianças que querem nos pegar.

**AYO** Se precisa, eu joga uma capoeira p'a riba delas.

**DONA SARUÁ** Logo depois da esquina tem um chafariz, e a gente pula nele.

**AYO** O num vô me molhá. (*Ouve-se o barulho de crianças.*)

**SARUÊ** Anda, pula na água. Ou a gente vai virar espeto.

**AYO** Já tomei mais bain hoje que na vida toda.

(*Pulam no lago do chafariz.*)

## CENA 11

### **DUHIGÓ NEPU ARQUEPU (“REDE MACACO”), DE DENILSON BANIWA (2019)**

**APONEM** Anda, Awery. Umbó falá mais s'a mãe!

**AWERY** Imamakã vai brigá cumigo. Mas vamo. El' tá na maloca.

**APONEM** (*Chegando à maloca*) Eu vim pá fala que Awery num vai mais vendê coisa na praia.

**MÃE DE AWERY** E quem cê pensa que é? Menino atrevido!

**APONEM** Eu sou Aponem. Awery é criança e tem que estuda. O saruê falô que curumim só brinca e estuda.

**MÃE DE AWERY** O saruê falô?

**APONEM** Falô. Ele é meu amigo e me trouxe pra esse tempo.

**MÃE DE AWERY** Num vô dá conversa a menino que fala com gambá.

**APONEM** Pois vô lhe dizê que nem tudo nessa vida é *kanhambá*. Dinhêro num é tudo.

**MÃE DE AWERY** E o que você sabe sobre nosso povo?

**APONEM** Seu povo também é o meu. Eu cresci do oto lado do rí. Sô Aponem de Arajuba.

**MÃE DE AWERY** (*Espanta-se*) Esse é o nome do tokorré de minha mãe, meu bisavô.

**APONEM** Sim. Eu vim do passado pra dizê que tem que cuidá dos nosso curumim. Ensiná a se orgulhá de nossa gente.

**AWERY** Peraí. Cê é vô da minha vó? E como chegô aqui?

- APONEM** Eu disse: tava mais Ayo e os saruê, quando o petéketom apareceu e me trouxe. Agora preciso encontrá o lugá de água com bejafrô pra voltá pra meu tempo.
- AWERY** Eu sei onde os bejafrô costuma ficá. Me segue!
- (Aponem despede-se.)*
- APONEM** *(No rego d'água que leva ao passado)* Awery, promete pra mim que cê vai sê dotô e ajudá nosso povo?
- AWERY** Prometo!
- APONEM** Se num cumprí, volto pra te cobrá.
- AWERY** E se eu esquecê da promessa?
- APONEM** Num esquece não. Toda vez que cê vê um bejafrô, lembra que tem que lutá por nosso povo e defendê os ancestral. Obrigado!
- AWERY** Obrigado de quê?
- APONEM** De nada! *(Ri)* Awery é obrigado na nossa língua!
- (Riem.)*
- AWERY** Thiangôn, parente!
- APONEM** Até um dia... Awery, Awery!

## CENA 12

**BABÁ BRINCANDO COM CRIANÇA EM PETRÓPOLIS, DE JORGE HENRIQUE PAPF (1899)**

- SARUEZIN UM** Dona Fia quebrou a internet.
- SARUEZIN DOIS** Literalmente, né? Ela quebrou nosso *tablet*.
- SARUEZIN TRÊS** Agora, a gente não consegue mais falar com ninguém, nem sabe em que lugar e ano estão nossos pais, nem Aponem, nem Ayo.
- MÃE** Eu ia sabê que esse negoço fazia eu vê gente noto canto?
- SARUEZIN UM** Mas não foi só isso, dona Fia.
- SARUEZIN DOIS** Tá correndo a notícia de sua quitanda por toda a baía.
- SARUEZIN TRÊS** É! Dizem que a senhora canta, dança, joga capoeira e fala mais de cinco línguas. Até japonês!
- MÃE** É memo?! Tô assim é a poranduba do Brazi.
- SARUEZIN UM** Sim, a senhora é celebridade.
- SARUEZIN DOIS** Mais de 300k no Instagram.
- SARUEZIN TRÊS** Já tem até Tik Tok de seus passos de capoeira.
- MÃE** Num entendo bulhufas dissaí. Só sei que um hõmi de fora qué tirá retrato meu.
- SARUEZIN UM** A senhora vai ver. Já, já vira *influencer*.

**SARUEZIN DOIS** Dona Fia, vá logo se arrumar pra foto.

**SARUEZIN TRÊS** A gente vai ser *coach* da senhora.

**MÃE** Mané negodi coxa. Eu quero é vendê meus quitute e encontrá Ayo.

*(Dona Fia chega ao estúdio fotográfico toda paramentada com blusa de renda, joias crioulas e turbante, no qual esconde os filhotes de saruê. A cena desdobra-se como uma sessão fotográfica em que dona Fia serve de cavalo para uma criança branca.)*

**MÃE** *(Cansada)* Óia, já tô que num me guento de carregá Isabé nas costas.

**SARUEZIN UM** Dona Fia, isso não tá certo.

**SARUEZIN DOIS** Não mesmo. A senhora não é cavalo pra montarem em você.

**SARUEZIN TRÊS** Já conquistou sua alforria. Isso não é digno de tratamento de uma pessoa.

**MÃE** E qui cocês sabe de gente, um bando de saruê? A vida é assim. Agora acabou nem tenho mais meu fio.

**SARUEZIN UM** Acabou não, dona Fia.

**SARUEZIN DOIS** É, dona Fia, tem que fazer *stories*.

**SARUEZIN TRÊS** Pra mostrar sua vida pros *seguimores*.

**MÃE** Contá história? Ah, pronto! Agora virei contadêra de causo.

**SARUEZIN UM** Não é isso, não, dona Fia. *Stories* é uma gravação.

**SARUEZIN DOIS** Não se preocupa. A gente tá aqui dentro do turbante e vai te dizer: a senhora só precisa repertir.

**SARUEZIN TRÊS** Isso, tudo que a gente disser, é só a senhora repertir. Isso vai ajudar a encontrar Ayo e nossos pais.

**MÃE** Tanta massa de acarajé pra batê e aqui ouvindo saruê. Mas vamo lá, né!?

**SARUEZIN UM** *(Diz o texto, enquanto dona Fia repete)* “Olá, seguimores! Tutupom? Hoje, nós vamos fazer um tutorial de maquiagem para te fazer uma sinhá”.

**SARUEZIN DOIS** *(Dona Fia ouve e repete)* “Teremos também a receita de um delicioso abará vegano de soja”.

**SARUEZIN TRÊS** *(Fala, e dona Fia repete)* “E sortearemos também um iPhone 12 pra quem souber informação de meu filho Ayo com a *hashtag* #Ayovoltapracasa”.  
*(Espera um tempo de resposta, e nada acontece)*

**MÃE** Viu? Adiantô nada. Nada muda nessa história. A poranduba do Brazi é essa! *(Vai na fonte lavar o rosto, tropeça e cai)*

## CENA 13

**ALEGORIA DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL,  
DE JEAN-BAPTISTE DEBRET (1822)**

- MÃE** A gente veio pará na Independência do Brazi, mé é uma muié que tá no trono.
- MÃE  
DE APONEM** Dona Fia, cê viu Aponem por aí? Faz tempo que num vejo.
- MÃE** Faz tempo memo, muuuito tempo. Essas criança viaja no tempo.
- MÃE  
DE APONEM** É verdade, dona Fia, que com a Independência a gente vai ser livre?
- MÃE** Agora que é uma muié que tá no trono posso até acreditá. Ela que num cumpra o tratado... Já tô aqui de espingarda pra lutá pelos meu.
- MÃE  
DE APONEM** Bem que tão dizem que dona Fia é porreta. Vai mudá esse país.
- (Ayo chega da viagem no tempo para a cena.)*
- MÃE** Bonito pá sua cara, né, Ayo? Fiquei mais de 200 ano lhe precurano.
- AYO** Iaiá, inda bem que nós se encontrô. Cê precisava de vê. Os saruê levaro a gente pro futuro.

**MÃE DE  
APONEM**

E quedê Aponem, Ayo? Tô aqui de coração na mão.

**AYO**

Dona Aponema, a gente se perdeu. Aponem ficô de prosa com o bejafrô e se perdeu da gente.

**MÃE DE  
APONEM**

*(Diz palavras encantadas)* Petéketom, traz Aponem de volta pa mim.

**APONEM**

*(Aponem aparece de volta)* Imamakã!

**MÃE DE  
APONEM**

Awery! Obrigada, ancestrais.

**APONEM**

A gente tá todo mundo aqui, mé quedê dona Saruá e seu Saruê?

**AYO**

El's pularo na fonte mais eu, mé num chegaro aqui.

**APONEM**

E os fiote del's?

**MÃE**

Eu tava pra ficá tantam de azucrinação no zuvido dos saruezin. E eles já tava precisano de banho.

**AYO**

Iaiá, onde você dexô el's?

**MÃE**

Ué? Lavei na fonte do passeio, mas aí quando merguiei sumiro.

**APONEM**

Dona Fia, é o portal de viaji no tempo. Agora, os saruezin tão perdido dos pais.

*(Chega pombo-correio com mensagem.)*

**AYO**

Chegô mensaji, mé a gente num sabe lê.

*(Em off carta dos saruês do futuro.)*

Espero que esta lhes encontre bem.

Aqui no futuro, as coisas não estão tão melhores que aí, mas seguimos. Desde que viajamos no tempo e conhecemos Ayo e Aponem, pudemos nos dar conta da importância dos povos negro e indígena para a história deste País. A luta de Dona Fia encorajou muitas pessoas em nosso tempo — Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Maria Luiza Alves, Rosana Paulino. Aponem, com seus saberes da floresta, também influenciou muita gente — Jaider Esbell (*in memoriam*), Ailton Krenak, Célia Tupinambá, Denilson Baniwa, Gê Viana, Awerynam, Mariana Sabiá.

Saibam que toda luta pelo povo tem grandes consequências. Não deixem nunca de reivindicar seus direitos. Isso começa de pequeno. Ajudem a reescrever a poranduba, a história do Brasil.

com amor e saudades.

Família Saruê.

7 de setembro de 2022

*(Toca o samba da nova poranduba do Brasil.)***FIM ■**



A  
MÁQUINA  
DO  
TEMPO  
E O  
BRASIL



# A MÁQUINA DO TEMPO E O BRASIL

## Luth

*(Paulo é um adolescente de 14 anos. Ele adentra o palco com o celular na mão jogando Pokémon Go, game que virou mania mundial em 2016.)*

**PAULO** Achei! Agora eu tenho um Dragonite. Uhuuu! Completei a minha coleção. Isso merece uma dancinha.

*(Paulo faz uma dancinha do TikTok, rede social que ficou famosa em 2020.)*

**PAULO** Vou postar isso agora pro pessoal da escola ver.

*(Fazendo menção ao Instagram, popular rede social desde 2010. Celular de Paulo toca e ele atende.)*

**PAULO** Oi, mãe! Eu já estou indo embora. Já fiz a tarefa de matemática, mãe. Eu só vim procurar um pokémon e já estou voltando, tá!? Beijos.

*(Enquanto caminha, Paulo encontra uma caixa grande, com um botão em vermelho escrito “Não aperte”.)*

**PAULO** Não aperte!

*(Paulo faz gesto de que irá apertar o botão.)*

**PAULO** Melhor não. Está pedindo para não apertar.

*(Paulo caminha ao redor da caixa e olha para os lados à procura de algo ou alguém.)*

**PAULO**

Não tem ninguém olhando. Quem vai saber que eu apertei esse botão? Vai que é um prêmio, e eu posso ficar rico? Melhor não. Pode ser uma bomba. É melhor eu ir embora.

*(Paulo vai saindo do palco, paralisa e volta.)*

**PAULO**

Quer saber? Eu não vou ficar na curiosidade. Seja o que Deus quiser!

*(Paulo vai até o botão e o aperta. Abaixa-se para proteger seu corpo esperando que algo aconteça, mas não vê nada de diferente.)*

**PAULO**

Sabia que era uma pegadinha. Onde está a câmera? Pode aparecer. Quem é que está de graça?

*(Paulo olha para os cantos do palco à procura de algo, até que adentra ao palco um adolescente com idade semelhante à de Paulo e vestimentas de Dom Pedro I. Ambos escutam um barulho e vão andando, de costas para o outro, com medo e tentando se proteger, até um esbarrar no outro e se assustarem. Ambos gritam, assustados. Pedro, que está com uma espada, aponta-a para Paulo. Já Paulo, que tem apenas o celular na mão. Aponta o celular para Pedro.)*

**PAULO**

Aaah!!!

**PEDRO**

Aaah!!!

**PAULO**

Aaah!!!

**PEDRO**

Aaah!!!

- PAULO** Quem é você?
- PEDRO** Um invasor! Soldados, me protejam! Um invasor!
- PAULO** Calma! Eu não sou um invasor.
- PEDRO** Socorro! Socorro!
- PAULO** Fica quieto, por favor!
- PEDRO** Se der mais um passo, eu lhe mato com minha espada. Fique longe de mim com esse objeto estranho.
- (Pedro aponta para o celular de Paulo. Paulo olha para o celular e para de apontá-lo para Pedro.)*
- PAULO** Isso é um celular. Você não tem um?
- PEDRO** Se afaste, homem estranho.
- PAULO** Eu não quero te machucar. Isso aqui é um celular. Todo mundo tem um hoje em dia.
- PEDRO** Celular? O que é isso? Certeza que é coisa dos franceses que não têm o que fazer. É bem a cara daqueles artistas.
- (Pedro aproxima-se de Paulo e olha para o celular.)*
- PAULO** Não, acho que foi um americano que inventou ele.
- PEDRO** Americano! É por isso que eu sempre tive um pé atrás com eles. Americano só tem ideia maluca.

- PAULO** Engraçado... Você nessa idade não tem um celular. Em que mundo você vive? Me diz uma coisa: você está comemorando Carnaval?
- PEDRO** Carnaval? O que é Carnaval?
- PAULO** É que você está todo fantasiado.
- PEDRO** Me respeita! Você não tem noção de quem sou eu, né?
- PAULO** Não!
- PEDRO** Eu sou Pedro, o príncipe do Brasil.
- PAULO** Príncipe? Eu não sabia que ainda existia príncipe no Brasil.
- PEDRO** Sim. E você, que vestimentas são essas? É a nova farda dos invasores do palácio?
- PAULO** Já te falei: eu não sou invasor, eu nem sei onde estou. Essa roupa é muito comum onde eu moro. Agora você está parecendo que saiu lá do ano de 1800.
- PEDRO** Exatos 1821. Você não sabe olhar o calendário, é, analfabeto, coitado.
- PAULO** Calma, você quer dizer que estamos em 1821?
- PEDRO** Está embriagado, é? Por isso veio parar aqui? Nem sabe o ano em que estamos!

**PAULO** Tem alguma coisa errada por aqui. Eu estou no ano de 2021.

**PEDRO** Piada de português a essa hora? Sai fora!

**PAULO** Não é piada. Essa roupa que estou usando é comum em 2021. Meu celular é muito comum também. Você não tem nada disso?

**PEDRO** Chega de conversa-fiada, rapaz.

**PAULO** Estou falando sério: acho que estou louco ou eu fiz uma viagem no tempo. O botão que eu apertei deve ter feito isso. Agora estou começando a entender. Você é o príncipe Pedro, filho de João VI de Portugal e Carlota Joaquina de Bourbon?

**PEDRO** Sim. Então conheces minha família?

**PAULO** Já estudei muito sobre vocês na escola. Prazer, sou o Paulo!

*(Paulo estende a mão para Pedro, mas Pedro não pega em sua mão e olha desconfiado.)*

**PEDRO** Me dê uma prova de que você veio do futuro.

**PAULO** Certo, olha, isso é um celular. Nele tem jogos... Você pode ligar, mandar mensagens, estudar, fazer amigos, namorar e muito mais.

**PEDRO** É sério isso? Quer dizer que posso falar com meus parentes lá em Portugal?

**PAULO** Se tiver com rede, você pode falar com o mundo inteiro.

**PEDRO** Que interessante isso! Me fala mais sobre o que tem lá no futuro. Já inventaram carruagens mais modernas?

**PAULO** Carruagens?

*(Paulo sorri e zomba de Pedro.)*

**PAULO** Lá no futuro, temos avião. A gente pode voar de um lado para o outro. É só ter dinheiro. Temos carros que andam a mais de 150 km por hora, motos, bicicletas...

**PEDRO** Mentira! Já fizeram tudo isso?

**PAULO** E tem muito mais: prédios enormes por toda parte, robôs, luz elétrica, água encanada. Quer dizer, nem todo mundo tem tudo isso, mas existe. O planeta mudou muito nesses 200 anos.

**PEDRO** Quero saber mais. Me conta tudo.

**PAULO** Para te contar tudo, eu teria que ficar aqui mais 200 anos. Mas eu posso te mostrar algumas fotos pelo meu celular.

**PEDRO** Fotos?

**PAULO** Sim, é como um quadro pintado à mão.

*(Paulo pega o celular e entra na câmera para tirar uma foto.)*

**PAULO** Você entra aqui, aperta nesse botão... e pronto!  
Acaba de tirar uma foto.

*(Paulo mostra a foto para Pedro.)*

**PEDRO** Que incrível! É muito rápido. Assim, dá para pintar milhares de telas em um único dia. Você tem um desse sobrando aí?

**PAULO** Não tenho, e nem posso te dar este, porque minha mãe ainda está pagando. Ela parcelou no cartão de crédito em 12 vezes.

**PEDRO** Cartão de crédito?

**PAULO** É uma forma de pagamento.

**PEDRO** Já sei! A partir de hoje, eu te proclamo meu assessor. Assim, dará tempo de você me atualizar sobre tudo que existe lá no futuro.

**PAULO** Assessor?

**PEDRO** Sim, venha! Que agora você trabalhará comigo, e não aceitarei “não” como resposta.

**PAULO** Mas eu tenho que voltar pra casa. Eu saí pra procurar uns pokémons e preciso voltar. Minha mãe está me esperando.

**PEDRO** Pokémon? O que isso?

**PAULO** É um jogo. Você tem que andar na rua capturando esses bichinhos aqui.

*(Paulo mostra o jogo no celular para Pedro.)*

**PEDRO**

Como você capturou esse monstro? E ele ainda cabe aí dentro?

**PAULO**

É só um jogo. Não é real.

**PEDRO**

Vocês do futuro têm umas manias estranhas, né?

**PAULO**

Se eu demorar muito, minha mãe vai ficar brava comigo.

**PEDRO**

No futuro, as mães ainda implicam tanto assim?

**PAULO**

Acho que isso nunca muda. É coisa de mãe mesmo.

**PEDRO**

Mas e como você vai embora?

**PAULO**

Pelo mesmo lugar que eu vim. Foi um botão que eu apertei na praça. Preciso achar aquela máquina novamente.

**PEDRO**

Vamos fazer o seguinte: eu te ajudo e você me ajuda. Eu procuro a máquina contigo e, enquanto isso, você será meu assessor. Pode ser?

**PAULO**

Tudo bem, mas o que eu tenho que fazer?

**PEDRO**

Nada, só me fazer companhia mesmo, só ser meu amigo.

**PAULO**

Isso é fácil. Imagina a cara do pessoal da escola quando descobrir que eu sou amigo do Pedro, primeiro imperador do Brasil! Você já declarou Independência, né?

**PEDRO** A minha? Eu sou independente desde que nasci.

**PAULO** Não, digo do Brasil.

*(Sussurrando em voz baixa.)*

**PEDRO** Não posso. O coroa precisa ir embora primeiro. Deixa ele chegar a Portugal que eu vou mudar umas coisas por aqui. Vou fazer uma festa e convidar todo mundo.

*(Pedro canta e dança música de Roberto Leal, cantor português, e Paulo fica assistindo.)*

**PEDRO**

Ai, cachopa se tu queres ser bonita  
Arrebita, arrebita, arrebita  
Casei com uma Leopoldina  
Por ela ter muita guita  
Agora minha espinhela  
Arrebita, arrebita, arrebita.

**PAULO** Você canta e dança muito bem.

**PEDRO** Obrigado. Todos dizem isso. Agora o que eu preciso acabar urgentemente é com a censura. Todos precisam ter direito e liberdade de dizer o que pensam.

**PAULO** Pois é, o mundo mudou muito nesses 200 anos, mas essa é uma questão que ainda se arrasta no Brasil e no mundo. A censura ainda é um dos grandes problemas lá no futuro.

**PEDRO**

Quer dizer que eu fiz tudo errado?

**PAULO**

Não, você começou, mas não depende só de você. Mas toda iniciativa é positiva. Você tem meu apoio. E digo mais: de grande parte da população. Censura nunca mais!

**PEDRO**

Com o fim do monopólio da imprensa, poderão surgir novos jornais com novas ideias.

**PAULO**

Parabéns pela iniciativa, Pedro.

**PEDRO**

Mas, me fale mais: e na política?

**PAULO**

Acho melhor falarmos sobre outras coisas. Política, vira e mexe, é motivo de discussão lá em casa. Eu prefiro não me aprofundar nesse diálogo nesse momento.

*(Toca uma campainha e fala uma voz em off.)*

**VOZ EM OFF**

Carta para o príncipe Pedro.

**PEDRO**

Carta? Deve ser lá de Portugal.

*(Pedro caminha até a lateral do palco e pega uma carta, abre-a carta e começa a ler em voz baixa, caminhando em direção a Paulo.)*

**PAULO**

O que diz na carta?

**PEDRO**

Um absurdo! Não acredito.

**PAULO**

O que foi, Pedro?

- PEDRO** Querem que eu volte para Portugal.
- PAULO** Mas por quê?
- PEDRO** Dizem que eu preciso terminar meus estudos. Acredita?
- PAULO** É, mas terminar os estudos é importante.
- PEDRO** Não nesse momento. Isso é um pretexto para me submeter às vontades de Portugal. Mas eu não vou ceder.
- PAULO** Você tem certeza?
- PEDRO** Claro! Estou tão certo como  $2 + 2$  são 3.
- PAULO** Espera!  $2 + 2$  não são 3.
- PEDRO** Como é? Mas olha...
- (Pedro começa a contar nos dedos.)*
- PEDRO**  $1 + 1$  é igual a 2. Então,  $2 + 2$  tem que ser 3. É o próximo que vem.
- PAULO**  $2 + 2$  são 4, meu amigo.
- PEDRO** E é? Acredito que eu deva realmente repensar nessa proposta de voltar a Portugal para estudar...
- PAULO** Eu te ajudo. Assim, você não precisa ir pra Portugal. Eu sou ótimo em matemática.

**PEDRO** Seria ótimo isso. Você já sabe toda a tabuada de cabeça?

**PAULO** Claro.

**PEDRO** Então quanto é  $1 \times 1$ ?

**PAULO** 1.

**PEDRO** E  $6 \times 5$ ?

**PAULO** 30.

**PEDRO**  $7 \times 8$ ?

**PAULO** 56.

**PEDRO**  $9 \times 9$ ?

**PAULO** 81.

**PEDRO** Você é bom mesmo.

*(Novamente toca a campainha.)*

**VOZ EM OFF** Carta para o príncipe Pedro. Hoje você está solicitado, Pedrinho. Mais famoso que ator da Globo!

*(Pedro caminha até a lateral do palco, pega a nova carta e volta para próximo de Paulo.)*

**PAULO** O que é dessa vez?

*(Pedro lê sorridente a carta.)*

- PAULO** É uma carta de amor?
- PEDRO** Se é assim, como é pelo bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.
- PAULO** Fica com quem?
- PEDRO** Com o Brasil, oras bolas!
- PAULO** Então, hoje que foi decretado o Dia do Fico, essa data vai marcar sua história, Pedro. Mas em Portugal não vai pegar muito bem. Você vai precisar ser forte.
- PEDRO** Não vamos mais aceitar as leis impostas pela Coroa portuguesa. Você tem boas ideias, Paulo. Você vai me ajudar.
- PAULO** Você vai deixar sua família irritada. Seus pais vão querer te dar é umas boas chineladas, Pedro.
- PEDRO** Eu não tenho medo.
- (Pedro começa a se contorcer de dor na barriga.)*
- PAULO** O que é isso, Pedro?
- PEDRO** Me aguarde aqui. Eu preciso resolver uns assuntos, mas logo estou de volta. Não saia daqui... desse lugar.
- (Pedro vai saindo de cena.)*
- PEDRO** E, se encontrar a máquina do tempo, não vá embora sem antes se despedir.

**PAULO**

Ok.

*(Pedro sai de cena.)***PAULO**

O que eu faço agora? Minha mãe não vai acreditar quando eu disser pra ela que estava em 1821. Eu vou ficar de castigo até 2050.

*(A campainha toca novamente.)***VOZ EM OFF**

Pedro, hoje você bateu todos os recordes. Mais uma carta para ti. Pedro? Onde estais, Pedro?

**PAULO**

O Pedrinho saiu pra resolver uns assuntos pessoais...

**VOZ EM OFF**

Pode, por favor, receber a carta para ele? Não há prazo para uma nova entrega, caso não receba neste momento.

**PAULO**

Até aqui vocês têm problemas com entregas! Tem coisas que pode passar mil anos que não muda.

*(Paulo caminha até a lateral do palco, pega a carta e a abre.)***PAULO**

Eita! A coisa tá feia. Eles querem tirar a liberdade dos brasileiros. Mas, espera, nessa época ainda não éramos livres! Preciso falar urgente com Pedro.

*(Paulo fica pensativo.)***PAULO**

Já sei! Vou enviar um e-mail para ele.

*(Paulo pega o celular na mão.)*

**PAULO** Sem torre. E, agora, nem um sinalzinho. Não dá pra mandar sequer uma mensagem.

*(Pedro adentra o local e vai até Paulo.)*

**PEDRO** Pronto! Agora, sim, estou aliviado. Aquela feijoada que comi no almoço não me caiu muito bem.

*(Pedro passa a mão na barriga fazendo menção de que estava no banheiro.)*

**PEDRO** Estava com uma dor de barriga violenta...

**PAULO** Pedro, você precisa ver isso. É muito grave.

**PEDRO** Deixe-me ver isso!

*(Pedro pega a carta das mãos de Paulo e começa a ler. Logo fica irritado.)*

**PEDRO** Eles estão achando que sou criança.

**PAULO** E não é?

**PEDRO** Sou um pré-adolescente, e você entendeu o que eu quis dizer.

**PAULO** O que vai fazer agora, Pedro?

**PEDRO** A partir de hoje, nossas relações com Portugal serão cortadas.

*(Pedro pega sua espada e em voz alta.)*

**PEDRO** O nosso lema de hoje em diante será!

*(Pedro para e olha para Paulo.)*

**PEDRO** Pega aí seu celular pra tirar uma foto desse momento. Precisamos de um registro pra história do Brasil.

**PAULO** Pode deixar.

*(Paulo pega o celular e posiciona-se para fotografar Pedro.)*

**PEDRO** Esse ângulo está bom?

**PAULO** É... Vira um pouco mais pra sua direita.

*(Pedro movimenta-se.)*

**PEDRO** E agora?

**PAULO** Levanta mais o braço.

*(Pedro levanta mais o braço.)*

**PEDRO** Assim?

**PAULO** Isso, perfeito, a iluminação está ótima. Pode falar.

**PEDRO** Tá, e o que eu falo agora?

**PAULO** Como assim você não sabe?

**PEDRO** Eu estou nervoso. Não consigo pensar assim. In...

**PAULO** Índio?

**PEDRO** Não, inde...

**PAULO** Inde... Inde...

- PEDRO** Independência!
- PAULO** Isso.
- (Pedro grita.)*
- PEDRO** Independência!!!
- PAULO** Não, Pedro, tem mais. Independência ou...?
- PEDRO** Tem mais? É... Independência ou... Ou...
- (Pedro grita.)*
- PEDRO** Independência ou liberdade!
- (Paulo fica irritado.)*
- PAULO** Pedro, independência e liberdade são as mesmas coisas.
- (Pedro fica sem graça.)*
- PEDRO** É verdade, né?
- PAULO** Você tem que falar “Independência ou morte”.
- PEDRO** É por isso que te contratei. Você é muito bom. Tudo pronto aí com o celular?
- PAULO** Pronto! Quando eu falar “já”, você começa. Já!
- PEDRO** Independência ou morte!
- (Paulo olha para a foto.)*

**PAULO** Não ficou boa. Você pode fazer melhor que isso, fala mais alto, sem medo. Vamos fazer novamente.

**PEDRO** Tá bom.

*(Pedro fala mais alto e com mais força.)*

**PEDRO** Independência ou morte!!!

**PAULO** Isso, perfeito, ficou ótimo.

**PEDRO** Estou me sentindo inspirado. Quero fazer o “Hino da Independência”. Você me ajuda?

**PAULO** Eu tenho ele pronto aqui no meu celular. Olha aqui.

**PEDRO** Ótimo! Você é o melhor assessor que existe. Mas como canta isso aí?

**PAULO** Eu vou começar, e você continua. Tudo bem?

**PEDRO** Pode ser.

*(Paulo começa a cantar o “Hino da Independência” e Pedro o acompanha.)*

**PEDRO  
E PAULO**

Já podeis, da pátria filhos  
Ver contente a mãe gentil  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil  
Já raiou a liberdade  
Já raiou a liberdade  
No horizonte do Brasil

Brava gente brasileira!  
Longe vá, temor servil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil

Os grilhões que nos forjava  
Da perfídia astuto ardil  
Houve mão mais poderosa  
Zombou deles o Brasil  
Houve mão mais poderosa  
Houve mão mais poderosa  
Zombou deles o Brasil

Brava gente brasileira!  
Longe vá, temor servil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil  
Ou ficar a pátria livre  
Ou morrer pelo Brasil

Não temais ímpias falanges  
Que apresentam face hostil  
Vossos peitos, vossos braços  
São muralhas do Brasil  
Vossos peitos, vossos braços  
Vossos peitos, vossos braços  
São muralhas do Brasil

Brava gente brasileira!  
 Longe vá, temor servil  
 Ou ficar a pátria livre  
 Ou morrer pelo Brasil  
 Ou ficar a pátria livre  
 Ou morrer pelo Brasil

Parabéns, ó brasileiro  
 Já, com garbo varonil  
 Do universo entre as nações  
 Resplandece a do Brasil  
 Do universo entre as nações  
 Do universo entre as nações  
 Resplandece a do Brasil

Brava gente brasileira  
 Longe vá, temor servil  
 Ou ficar a pátria livre  
 Ou morrer pelo Brasil  
 Ou ficar a pátria livre  
 Ou morrer pelo Brasil.

**PAULO**

Você acaba de ser aclamado o imperador constitucional do Brasil. Agora, você é Dom Pedro I.

**PEDRO**

Posso te confessar uma coisa?

**PAULO**

Pode falar.

**PEDRO**

Eu estou com medo. Eu sei que o que eu fiz foi certo. Mas, no fundo, dá um certo medo, sabe?

- PAULO** Toda mudança dá um medo, mas, acredita, tudo vai dar certo.
- PEDRO** Você sabe o que vai acontecer comigo daqui pra frente?
- PAULO** Sim!!!
- PEDRO** Vai dar errado, né!?
- PAULO** Não, não é bem assim.
- PEDRO** Eu vou morrer, é isso?
- PAULO** Você quer a verdade?
- PEDRO** Pode falar.
- PAULO** Bom, aproveita bastante sua vida. Esses próximos anos serão importantes para você. Faz tudo que tem vontade. Não deixe de dizer para alguém que você ama. Serão 12 anos pela frente pra fazer isso.
- PEDRO** E como eu vou morrer?
- PAULO** Tuberculose.
- (Pedro fica cabisbaixo e logo se recupera.)*
- PEDRO** Me fala mais: o que vai ser do Brasil?
- PAULO** Você vai ter um filho chamado Pedro II. Ele será o segundo imperador do Brasil.

**PEDRO**

Verdade?

**PAULO**

Sim. Segundo e último. Depois dele, o Brasil se tornará uma república presidencialista. Mas, antes disso, alguns fatos importantes irão acontecer. Tem a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura...

**PEDRO**

Fala mais.

**PAULO**

Ah, não posso me esquecer de uma coisa! Sabe os franceses que estão aí? Os artistas que vieram na missão organizada por Joaquim Lebreton? Valoriza essa galera. Eles serão figuras importantes para o futuro da arte no Brasil. Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, Auguste-Marie Taunay, Grandjean de Montigny, Marc e Zéphirin Ferrez... Sabe quem são eles?

**PEDRO**

Sim.

**PAULO**

Ajude eles, que lá no futuro a gente te agradece.

**PEDRO**

Seu pedido é uma ordem, meu amigo.

**PAULO**

O que eu posso dizer é que o melhor do Brasil é o brasileiro. O povo vive na luta e não deixa de acreditar. Pra ser sincero, muitas coisas ruins vão acontecer nesses próximos 200 anos, mas muitas coisas boas também! Não dá pra perder a esperança. Você ainda não conhece... Vou te mostrar o “Hino Nacional Brasileiro”. Presta atenção à letra. É muito lindo e fala muito do que é o Brasil.

**PEDRO**

Estou ansioso para ouvir.

**PAULO**

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
 De um povo heroico o brado retumbante,  
 E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,  
 Brilhou no céu da pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
 Conseguimos conquistar com braço forte  
 Em teu seio, ó liberdade,  
 Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó pátria amada,  
 Idolatrada,  
 Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
 De amor e de esperança à terra desce,  
 Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
 A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
 És belo, és forte, impávido colosso,  
 E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,  
 Entre outras mil,  
 És tu, Brasil,  
 Ó pátria amada!  
 Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
 Pátria amada Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida,  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores.”

Ó pátria amada  
Idolatrada  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro dessa flâmula  
“— Paz no futuro e glória no passado.”

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó pátria amada!  
Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada Brasil!

*(Pedro aplaude.)*

**PEDRO** Muito bom. Posso te falar? Eu amo muito o Brasil. Tem outra coisa. Só um segundo. Tenho uma surpresa para você.

*(Pedro sai de cena e volta com a máquina do tempo que transportou Paulo ao passado.)*

**PEDRO** Isso aqui é seu.

**PAULO** A máquina do tempo! Agora eu posso voltar para casa.

**PEDRO** Pois é, me desculpe, eu a escondi. Não queria que você fosse embora.

**PAULO** Vamos comigo, Pedro. Você pode ir comigo conhecer o futuro? Ou você não quer ir? Minha mãe faz um bolo de chocolate delicioso.

**PEDRO** Olha...

*(Pedro começa a gaguejar.)*

**PEDRO** Eu até que poderia ir.

*(Paulo pula de alegria.)*

**PAULO** Então, vamos! Lá na escola ninguém vai acreditar quando você chegar comigo.

*(Pedro olha triste para Paulo.)*

**PEDRO** Mas eu não posso. Tenho que ficar. Tem minha família, tem o povo brasileiro... Não posso parar por aqui. Eles precisam de mim. Já pensou se eu saio daqui agora? Talvez você não exista lá no futuro, entende?

**PAULO** Eu pensei que você pudesse ir pelo menos falar um “oi!”.

**PEDRO** Diga a todos que eu estou mandando um “oi” e um grande abraço. Você é meu assessor, esqueceu? Você vai me representar lá no futuro. Pode ter certeza de que eu estarei sempre contigo quando falar em meu nome.

**PAULO** Mas você vai ficar bem?

**PEDRO** Você me ajudou muito. Você me ajudou a fazer minha história. Eu estou bem. Eu vou ficar bem.

*(Paulo e Pedro abraçam-se.)*

**PAULO** Então tá!

*(Paulo caminha em direção à máquina do tempo.)*

**PEDRO** E diga ao povo brasileiro que eu amo o Brasil.

**PAULO** Pode deixar, amigo.

*(Paulo aperta o botão e Pedro grita.)*

**PEDRO** Adeus, Paulo!

*(Paulo fecha os olhos e Pedro sai do palco.)*

**PAULO**

Adeus, meu amigo!

*(Paulo abre os olhos e corre para fora do palco, gritando.)*

**PAULO**

Mãe! Mãe! A senhora não vai acreditar! Eu me encontrei com Dom Pedro I. Eu participei da Independência do Brasil!

**FIM ■**





OS  
DOIS  
NOS  
VINTE  
E  
DOIS



# OS DOIS NOS VINTE E DOIS

André Faxas

## Personagens protagonistas

**Dom Pedro I**, perfil: ator branco, com aparência de 24 anos, figurino de príncipe regente, em 1822 – com forte sotaque português

**Amelinha (Maria Amélia)**, perfil: atriz afrodescendente, com aparência de 12 anos, figurino de “skatista” pré-adolescente paulistana, em 2022

## Personagens dos números musicais/encenações históricas (atores, músicos, cantores e dançarinos)

**Atriz/cantora/dançarina**, perfil: branca/parda, entre 30 e 50 anos de idade – personagens: Chiquinha Gonzaga, Anita Malfatti, Maria Clara Machado, Carmem Miranda e soldado de Dom Pedro I

**Ator/cantor/dançarino**, perfil afrodescendente entre 20 e 40 anos de idade – personagens: Donga, dançarino do número de “Trenzinho caipira”, Camaleão Alface/número musical de Maria Clara Machado, dançarino do número de Elza Soares e soldado de Dom Pedro I

**Ator/cantor/músico violonista**, perfil: branco/pardo entre 20 e 50 anos de idade – personagens: violonista do número de Chiquinha Gonzaga e Donga, Oswald de Andrade, Mauricio de Sousa, violonista do número de Carmem Miranda e soldado de Dom Pedro I

**Ator/cantor/músico percussionista**, perfil: branco/pardo entre 20 e 40 anos de idade – personagens: percussionista do número de Chiquinha Gonzaga e Donga, Di Cavalcanti, Monteiro Lobato, pandeirista do número de Elza Soares e soldado de Dom Pedro I

**Atriz/dançarina/cantora**, perfil afrodescendente entre 20 e 40 anos de idade – personagens: dançarina do número de Chiquinha Gonzaga e Donga, dançarina do número de “Trenzinho caipira”, dançarina Pluft /número musical de Maria Clara Machado, Elza Soares e soldado de Dom Pedro I

**Ator/dançarino/cantor**, perfil: branco/pardo entre 20 e 40 anos de idade – personagens: dançarino do número de Chiquinha Gonzaga e Donga, Mário de Andrade, Visconde de Sabugosa/número do Monteiro Lobato, dançarino Cebolinha/número de Mauricio de Sousa e cantor do número final

**Ator/cantor/músico violonista**, perfil: branco/pardo entre 30 e 50 anos de idade – personagens: Heitor Villa-Lobos, João Gilberto e soldado de Dom Pedro I

**Atriz/cantora/dançarina**, perfil: branca/parda entre 20 e 30 anos de idade – personagens: Tarsila do Amaral, dançarina Emília/número de Monteiro Lobato, dançarina Mônica/número de Mauricio de Sousa e cantora do número final.

**SINOPSE**

Peça em único ato e cinco cenas.

**ATO ÚNICO**

*(Cenário: área com vegetação [Mata Atlântica] às margens do rio Ipiranga [SP], em 7 de setembro de 1822. Todo o cenário será virtual, com projeções feitas ao fundo do palco. Em B/O, será executada uma narração em áudio, com a voz da princesa Leopoldina, futura Imperatriz do Brasil.)*

**ÁUDIO****PRINCESA****LEOPOLDINA**

Pedro, o Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. As cortes portuguesas ordenam vossa partida imediatamente; ameaçam-vos e humilham-vos. O Conselho de Estado vos aconselha a ficar. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que tem sofrido nosso país. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais, são governados pelo mesmo despotismo das Cortes que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito. O Brasil será, em vossas mãos, um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com vosso apoio ou sem vosso apoio, ele fará sua separação. O pomo está maduro, colhei-o já, senão apodrecerá. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fazei, pois. Maria Leopoldina.

*(Acendem-se as luzes, surgindo o cenário proposto da cena. Música instrumental. Entra em cena Dom Pedro I montado em um cavalo, com a carta na mão, após terminar de lê-la. A sugestão do autor é que o cavalo faça parte do próprio figurino de Dom Pedro I, que estará com ele até o fim do espetáculo.)*

**DOM PEDRO I** O momento derradeiro se aproxima. Preciso tomar a decisão final, que mudará para sempre minha vida e a deste Brasil que tanto amo. Como bem disse a esposa Leopoldina, este grande país está em minhas mãos. Não podemos mais nos subjugar às cortes portuguesas. Precisamos nos tornar independentes e virar os donos de nosso destino. E essa decisão só depende de mim!

*(Pausa nas falas. Dom Pedro I reflete, “cavalgando” pelo palco. Após instantes, demonstrando certa incerteza sobre a decisão a ser tomada, retoma as falas.)*

**DOM PEDRO I**

Porém, será essa a decisão correta a tomar? Será que, ao proclamar a Independência do Brasil, firmarei um futuro próspero a este país? Seremos relevantes ao mundo, no futuro? *(Pausa)* No entanto, vim a São Paulo com um propósito! *(Dom Pedro I puxa uma espada e a ergue)*. Rogo que, daqui a 200 anos, minha decisão de hoje tenha sido sábia e relevante ao futuro da nação. Que em 2022 sejamos um país com grande produção econômica, científica e cultural! *(Pausa. Dom Pedro I abaixa a espada. Cavalga mais um pouco pelo palco e continua refletindo)* Se houvesse uma forma de viajar pelo tempo, conhecendo as consequências de meu ato de hoje, teria mais convicção em fazê-lo. Se eu pudesse atravessar 200 anos no futuro, vislumbrando os acontecimentos históricos desse período, a partir da proclamação que estou prestes a fazer, seria de bom grado. Contudo, não é possível viajar ao futuro, pelo que se saiba. Não poderei adiar mais minha decisão. Criaremos o futuro a partir de agora! *(Dom Pedro I ergue novamente a espada)* Independência ou...

*(Antes de completar a famosa frase do “Grito do Ipiranga”, haverá um “mix” intenso de áudio e vídeo, além de efeitos de luz. Ao fundo, no cenário virtual, surgirão centenas de imagens aceleradas de acontecimentos históricos brasileiros, entre 1822 e 2022. Junto delas, músicas e efeitos sonoros que gerem no espectador a impressão de “aceleração no tempo” e “viagem ao futuro”. Dom Pedro I, sempre cavalgando, acompanhará as imagens no cenário virtual, também dando a impressão, ao espectador — com a sombra dele sobre as projeções de vídeo —, que conseguiu seu objetivo de acompanhar os 200 anos da história brasileira, desde 7 de setembro de 1822. Ao fim da cena e de todos os efeitos, surgirá no cenário virtual a imagem do bairro do Ipiranga, na cidade de São Paulo, em 2022. Uma paisagem urbana, com efeitos sonoros de buzinas, motores de automóveis e falatório. A ideia é passar ao espectador a sensação de poluição sonora e visual, contrastando com a imagem bucólica do mesmo local, 200 anos antes. Dom Pedro I está atônito e confuso. Os efeitos sonoros diminuirão bastante, ao começo das falas do personagem.)*

**DOM PEDRO I** Estou totalmente louco! Isto deve ser uma projeção de minha mente! Um sonho, um devaneio!  
Que lugar é esse? O está a acontecer comigo?  
Onde está minha tropa? Homens, homens!  
Seu príncipe regente está em perigo!

*(Entra cena Amelinha, com um skate nas mãos. Ela fica parada, rindo e observando Dom Pedro I cavalgando pela rua.)*

**AMELINHA** É cada maluco que aparece nesse bairro do Ipiranga! Agora tem esse aí, que acha que é o Dom Pedro I.

*(Dom Pedro I mantém contato visual com Amelinha e aproxima-se.)*

**DOM PEDRO I** Menina! Sou seu príncipe regente do Reino de Portugal, Brasil e Algarves! Quer dizer, agora sou seu imperador! Curve-se, súdita!

**AMELINHA** Isso é pegadinha? Gravação de filme? Teatro de rua? Ou você é só um doido varrido mesmo?

**DOM PEDRO I** Como ousas falar assim comigo, pirralha? Serás condenada à forca, sua insolente! Ninguém pode insultar o príncipe regente, quer dizer, o imperador do Brasil!

**AMELINHA** *(Irônica)* Você é príncipe regente ou imperador?

**DOM PEDRO I** *(Confuso)* Ora pois... Até pouco tempo atrás, eu era príncipe regente. Mas, após proclamar a Independência do Brasil, tornei-me imperador. Quer dizer, ainda não cheguei a proclamar a Independência do Brasil... Preciso dos sábios conselhos jurídicos de José Bonifácio! Onde está minha tropa? Homens, homens!

**AMELINHA** Valeu, mano. Fique aí de boa, que vou dar um rolê no parque com meu skate.

**DOM PEDRO I** *(Interrompendo Amelinha, que sairia de cena. Coloca-se com seu cavalo à frente da garota)* Senhorita, espere! Preciso de respostas.

**AMELINHA** Mano, isso é uma *live*? Que canal é esse?

**DOM PEDRO I** Diga-me! Onde estamos?

**AMELINHA** Como assim?

- DOM PEDRO I** Que lugar é esse?
- AMELINHA** Bairro do Ipiranga? São Paulo?
- DOM PEDRO I** Ipiranga? O riacho?
- AMELINHA** É só o nome do bairro mesmo. A gente nunca viu riacho nenhum do Ipiranga por aqui.
- DOM PEDRO I** Não é possível! Havia um riacho neste mesmo local, com uma colina e uma floresta tropical.
- AMELINHA** Pelo visto, você, quer dizer, Vossa Alteza está desatualizada. Aqui não tem floresta tropical nenhuma, só edifícios e casas.
- DOM PEDRO I** Responda-me outra pergunta, senhorita. Em que ano estamos?
- AMELINHA** (*Irônica*) Estamos em 2022. Aliás, mano, esse ano você tá famosão, hein? Televisão e internet tão bombando com o aniversário da Independência que você fez. Duzentos anos! Uhuuuuu!
- DOM PEDRO I** Incrível! Meu desejo foi concretizado! Viajei no tempo! Como isso pode acontecer?
- AMELINHA** Mano, tu é doido demais. Tá ligado, né?
- DOM PEDRO I** Acho que estou começando a concordar com você, senhorita. Minha insanidade alcançou limites extremos. Só espero que acorde em breve, para retomar meus afazeres e a vida normal. Rever minha família e meus filhos. Governar meu país!

**AMELINHA** Valeu, então. Vou pro rolê. Fica aí de boa.

*(Amelinha vai saindo de cena e para ao ouvir a pergunta de dom Pedro I.)*

**DOM PEDRO I** Você não está acreditando em mim, menina?

**AMELINHA** Mano, Dom Pedro I morreu há um tempão. Desculpa aí quebrar tua onda.

*(Dom Pedro I fica novamente à frente de Amelinha.)*

**DOM PEDRO I** Qual o seu nome?

**AMELINHA** *(Desconfiada)* Meu, deixa eu ir andar de skate. Vai tirar outro!

**DOM PEDRO I** Pois eu me chamo Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Gabriel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon e nasci no Palácio de Queluz, em Lisboa, em 12 de outubro de 1798. Sou o quarto filho de dom João VI e de dona Carlota Joaquina. Vim para o Brasil com a família real portuguesa em 1808, fugindo dos ataques de Napoleão Bonaparte a Portugal. Meu pai retornou à Europa no início de 1822, e tornei-me o príncipe regente.

- AMELINHA** Decorou bem, hein? Parabéns. Já eu sou a Maria Amélia, que todo mundo conhece como Amelinha. Tenho 12 anos, estou no sexto ano da Escola Alexandre de Gusmão e sou filha do Francisco e da Sandra, beleza? Satisfeito? Posso ir curtir meu skate agora, doido?
- DOM PEDRO I** Você se chama Maria Amélia, assim como minha futura filha, que amei e amo demais?
- AMELINHA** Amelinha, tá? Geral só me chama assim.
- DOM PEDRO I** Preciso de sua ajuda, Maria Amélia. Quer dizer, Amelinha...
- AMELINHA** Meu, eu sou só uma menina pré-adolescente. Não posso te ajudar. Ali na frente tem um posto policial. Peça ajuda lá, valeu? Quer que eu ligue pro Samu do meu celular?
- DOM PEDRO I** Você ainda não entendeu, senhorita. Está a ocorrer um seriíssimo problema no Brasil. A esta altura, todos já estão à minha procura pelas redondezas do Ipiranga. Sou Dom Pedro I de verdade, Amelinha. Preciso que acredite em mim.
- AMELINHA** Você tá me tirando, né?
- DOM PEDRO I** Farei a revelação a ti, de um alto segredo de Estado. (*Sussurrando, desconfiando que esteja sendo ouvido*) Eu viajei no tempo, vim do passado, vi todos os acontecimentos históricos neste país por 200 anos e saí aqui. E agora não sei como retornar a 7 de setembro de 1822.

- AMELINHA** Meu, isso é muita viagem!
- DOM PEDRO I** Eu havia acabado de ler a carta de minha esposa Leopoldina, recomendando-me a Proclamação da Independência. Em uma colina, próxima às margens do riacho Ipiranga, expressei um desejo, que acho que foi-me atendido.
- AMELINHA** Que desejo?
- DOM PEDRO I** De ir para o futuro, para ver as consequências de meu ato, 200 anos após fazê-lo. Para ter a certeza de que fiz o melhor para o Brasil.
- AMELINHA** Ah, tá bom! Vou fingir que acredito. E o que você achou? Fez o certo mesmo?
- DOM PEDRO I** Tudo ainda está muito confuso em minha mente. Vi algumas coisas muito boas e muitas coisas ruins. Vi momentos de vitória e de derrota. Vi alegria e tristeza. Vi acertos e erros. Vi pessoas boas e pessoas más.
- AMELINHA** Meu, entrando nessa tua onda, vou te dar a letra: você declarou a Independência, libertou a gente de Portugal e beleza. O resto não é culpa sua. Dá uma relaxada e volta pra casa, mano.
- DOM PEDRO I** É o que mais quero, Amelinha: voltar para casa. Porém, como te disse, não sei como. Talvez não seja eu quem determine. E o pior: não consegui completar minha missão. Não completei o grito do Ipiranga.

**AMELINHA** Como assim? Você não gritou “Independência ou morte?” (*Gargalha*)

**DOM PEDRO I** Não. Quando ia completar a frase, começou a viagem ao futuro.

**AMELINHA** E, se você voltar, vai completar o grito, mano? (*Ainda rindo*)

**DOM PEDRO I** Confesso-te que não sei mais. Cometi muitos erros na vida, senhorita. Assim como outros cometeram tantos. E, pelo que vi, não tenho o poder de mudá-los. Só pude visualizá-los, sem poder interferir em nada.

**AMELINHA** Tua história é muito legal, meu. Daria um bom filme. Mas acho que já deu por hoje, né? Vou seguir meu rumo, porque a turma tá me esperando. Fica em paz, mano. Você fez sua parte. Não fica noiado com isso, beleza? Acho que, se essa tua história maluca for mesmo verdade, se decidir proclamar a Independência de coração, com toda a certeza disso, você conseguirá voltar para lá.

*(Quando Amelinha novamente vai saindo, ao longe, Dom Pedro I a interrompe.)*

**DOM PEDRO I** Eu só não consigo voltar para 7 de setembro 1822, Amelinha! Mas ainda posso retornar a todos os outros anos, nesses 200 anos. Claro, infelizmente sem poder interferir em nada.

**AMELINHA** Legal. Então vai lá, mano.

**DOM PEDRO I** E posso levar você comigo, caso queira.

*(Amelinha aproxima-se de Dom Pedro I mais uma vez.)*

**AMELINHA** Pode o quê?

**DOM PEDRO I** Levar-te comigo e te mostrar que falo a verdade. Verás todos os principais acontecimentos da história do Brasil nesses 200 anos e me ajudarás a decidir, de coração, com certeza e convicção. Nada melhor que a opinião sincera de uma criança para isso.

**AMELINHA** Eu tenho cara de trouxa, Dom Pedro I? Você acha que vou cair nesse papo torto? E mesmo assim, se isso fosse possível, você acha que eu gostaria de ver isso? Como você mesmo disse, algumas coisas boas e muitas ruins? Como a escravidão e o sofrimento de meus antepassados, por exemplo? Fui!

*(Novamente, Amelinha vira-se de costas e vai saindo de cena. E outra vez também Dom Pedro I interrompe seus passos.)*

**DOM PEDRO I** Tem uma área da história de nosso país em que só vi coisas boas nesses 200 anos, Amelinha!

*(Amelinha para novamente e de costas. Já esgotada e em tom de ironia, fala a Dom Pedro I.)*

**AMELINHA** E qual é, senhor imperador do Brasil?

**DOM PEDRO I** A arte brasileira, senhorita. Ela me orgulhou tanto! A literatura, o teatro, a dança, a música e as artes plásticas de nossos brasileiros encheram-me o peito de honra e prazer. Você terá o mesmo sentimento que eu, ao ver tanta beleza, tanto talento e tanta criatividade por parte de nossos compatriotas artistas.

**AMELINHA** *(Cética)* E o que devo fazer? Entrar numa máquina do tempo com você? Cadê ela? *(Rindo)*

**DOM PEDRO I** Tenho para mim que nem se fez necessária essa tal máquina do tempo que citastes. Acho que ela sou eu mesmo e este cavalo. E creio que basta apenas você subir na garupa, para voltarmos no tempo.

**AMELINHA** *(Gargalhando)* Meu, por que será que é somente comigo que essas coisas acontecem? Tá beleza, mano. Vou subir na garupa do seu cavalo, só para te mostrar que isso é viagem da tua cabeça. Aí depois eu desço e vou andar de skate no Parque do Ipiranga, beleza? E você me promete que me deixa em paz, sem ficar me alugando, tá ligado?

**DOM PEDRO I** Sinta-se à vontade, Amelinha. E confie em mim. Eu também era incrédulo assim como você, senhorita.

*(Desconfortável, Amelinha sobe na garupa do “cavalo” de Dom Pedro I.)*

**AMELINHA** Viu? Não aconteceu nada. Continuamos em 2022, no bairro do Ipiranga. Somos apenas dois em vinte e dois.

**DOM PEDRO I** Tomara que estejas preparada, menina. Porque terás a mais incrível experiência de sua vida, aos 12 anos de idade. A partir de agora, só o tempo será o nosso senhor.

*(Nesse momento, ocorrerá outro “mix” intenso de efeitos de vídeo, áudio e iluminação. O cenário virtual dará ao espectador a sensação de “viagem no tempo”, assim como os efeitos sonoros, musicais e de iluminação. As sombras dos personagens sobre o cavalo deverão ser intensas na projeção de fundo, a fim de um efeito visual encantador e lúdico. Ao fim da sequência, será mantida no fundo do cenário virtual a mesma projeção de “efeito de viagem no tempo”, sem efeitos sonoros. Amelinha salta do cavalo e, eufórica, corre pelo palco.)*

**AMELINHA** É verdade, é verdade! Você não estava mentindo! Quer dizer, me perdoe, Alteza! Você é o Dom Pedro I mesmo! Fui desrespeitosa! Estava certo o tempo todo!

**DOM PEDRO I** Não precisa se desculpar, Amelinha. Eu também não acreditaria em um insano como eu, que me falasse tal absurdo. E, sobre o pronome de tratamento, prefiro que continue a me chamar de você. Pode parecer que não, mas tenho apenas 24 anos de idade.

**AMELINHA** Isso é incrível, Dom Pedro! Como pode ser possível?

**DOM PEDRO I** Não sei, senhorita Amelinha. Não faço a menor ideia. Se isto é fantástico a ti, que habita a era tecnológica do século XXI, imagine a mim, do início do século XIX, onde até os simples navios a vapor haviam sido criados há pouco.

**AMELINHA** E onde e quando estamos? Quando verei aquilo que me prometeu? A arte brasileira que tanto te encantou?

**DOM PEDRO I** Estamos na cidade de São Paulo, Amelinha. Em um ano muito especial e representativo ao nosso país. Nele, comemoramos o centenário da Independência e firmamos um marco revolucionário da arte brasileira: 1922!

*(Nesse momento, no cenário virtual ao fundo, será projetada a fachada do Theatro Municipal de São Paulo, em 1922.)*

**AMELINHA** Novamente, somos dois em outro vinte e dois, Dom Pedro.

**DOM PEDRO I** Porém, antes de presenciarmos a história da arte brasileira ocorrendo em nossa frente, precisamos rever suas origens. Como nossa cultura nacional brasileira se formou e foi disseminada. Como ela chegou até 1922.

*(No cenário virtual, serão projetadas imagens de tudo que Dom Pedro I disser como informações históricas a Amelinha, que as verá atentamente.)*

**DOM PEDRO I**

Quando minha família chegou ao Brasil, em 1808, meu pai trouxe com ela alguns artistas bastante representativos da Europa nas artes plásticas, na literatura, no teatro, na música e na dança. Agregaram à sua arte os elementos já presentes na cultura popular da colônia, oriundos dos indígenas e dos negros de África, lamentavelmente escravizados em nossa nação. A partir da metade do século XIX, passamos a produzir arte representativa oriunda de nossos compatriotas, mesmo que influenciada pelos movimentos artísticos europeus. A Academia Real de Belas Artes, fundada por Dom João VI, meu pai, foi responsável por uma grande produção artística na época. Na pintura, tivemos nomes de grande vulto, como Estêvão Silva, Vitor Meireles e Pedro Américo. No teatro, surgiram autores geniais, como Gonçalves de Magalhães e os ícones da comédia de costumes Martins Penna e Arthur Azevedo. Na literatura, fomos agraciados com José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias, no Romantismo. Assim como o genial poeta Castro Alves, que nos tocou com os horrores da escravidão a seu povo, Amelinha. No Realismo, tivemos os grandes escritores Aluísio Azevedo e Euclides da Cunha. E, claro, o genial Machado de Assis.

**AMELINHA**

Dom Pedro, eu estou lendo os livros de Machado de Assis que a professora mandou na escola! Tirei nota dez, depois do trabalho sobre *Dom Casmurro*. Eu amei! E, na música, teve o quê?

**DOM PEDRO I** Na clássica, Amelinha, tivemos o também genial Carlos Gomes, autor de *O guarani*, além de inúmeras outras óperas de sucesso mundial. Na virada do século, conhecemos a talentosíssima Chiquinha Gonzaga, primeira mulher musicista do país. Maestrina e compositora, foi influenciada pelo recém-nascido samba, ritmo originário de teus antepassados, senhorita. Foi a precursora da música popular brasileira, que originou também a nossa dança tipicamente nacional.

**AMELINHA** E o samba ainda faz muito sucesso em 2022, Dom Pedro. E como faz, mano!

**DOM PEDRO I** E, pouco depois, foi gravado oficialmente o primeiro deles: “Pelo telefone”, de Donga. É o nosso ritmo mais original, Amelinha. A alegria do povo brasileiro na música!

### **PRIMEIRO NÚMERO MUSICAL: “MIX” “ABRE ALAS” (CHIQUINHA GONZAGA) + “PELO TELEFONE” (DONGA)**

*(Composição do número:*

*Atriz/cantora 1, com aparência próxima de 40 anos, devidamente caracterizada como a compositora Chiquinha Gonzaga.*

*Ator/cantor/dançarino 2, com aparência próxima de 30 anos, devidamente caracterizado como o compositor Donga.*

*Ator/cantor/músico violonista 3, devidamente caracterizado com figurino da época e tocando violão.*

*Ator/músico/percussionista 4, devidamente caracterizado com figurino da época e tocando instrumento de percussão.*

*Atriz/dançarina/cantora 5, devidamente caracterizada com figurino da época.*

*Ator/dançarino/cantor 6, devidamente caracterizado com figurino da época.*

*P.S.: Todos os artistas em cena participarão das duas músicas a serem apresentadas, com os mesmos personagens. No cenário virtual, serão projetadas imagens de antigos carnavais e rodas de samba, durante a execução do número. Fim do número musical: volta do cenário virtual, com a projeção da imagem da fachada do Theatro Municipal de São Paulo, em 1922.)*

**DOM PEDRO I** E, enfim, senhorita, retornamos em definitivo ao ano do primeiro centenário da Independência do Brasil. Como tu mesma disseste, cá estamos mais uma vez, em outro vinte e dois.

**AMELINHA** E por que esse ano foi tão importante, Dom Pedro? O que aconteceu na nossa arte para que ela permaneça sendo lembrada e comemorada tanto tempo depois?

**DOM PEDRO I** Porque a Semana de Arte Moderna representou uma verdadeira renovação da linguagem artística brasileira, em busca de experimentação e liberdade criadora. Amelinha, depois dela, nossa arte ganhou o mundo, nos desprendendo da reprodução de padrões europeus e dando início à construção de uma cultura essencialmente nacional. Por isso ela é tão lembrada, senhorita.

**AMELINHA** E o que teve nela, para ser assim tão importante? Quais famosos estavam lá?

**DOM PEDRO I** A partir dela, houve uma verdadeira revolução na literatura, no teatro, na dança e nas artes plásticas. E, sobre os famosos que perguntaste, começemos pela música, a partir de nosso maior ícone no gênero. Conhecido e respeitado mundialmente, foi ele quem abriu os eventos da semana. Preciso que conheças o maestro Heitor Villa-Lobos.

**SEGUNDO NÚMERO MUSICAL: “TRENZINHO CAIPIRA”  
(HEITOR VILLA-LOBOS)**

*(Composição do número:*

*Ator/cantor 7, com aparência próxima de 40 anos, devidamente caracterizado como o maestro Heitor Villa -Lobos.*

*Ator/cantor/dançarino 2 + Atriz/cantora/dançarina 5.*

*Após a fala de Dom Pedro I, ocorrerá um B/O no palco e no cenário virtual, em que o contrarrega do espetáculo colocará um púlpito, onde o ator/cantor 7, caracterizado como o maestro Heitor Villa-Lobos, surgirá após o B/O. No cenário virtual ao fundo, será projetado um vídeo de uma antiga orquestra sendo regida por ele. O mesmo ator interpretará o maestro fazendo a regência da música “Trenzinho caipira”. Após algum tempo, a ser definido pela direção do espetáculo, entrará em cena o casal de dançarinos, que executará uma coreografia de dança contemporânea, baseada na música apresentada. A ideia é a integração perfeita entre a coreografia dos dançarinos, a regência do ator e o vídeo de fundo com a orquestra. Fim do número musical. B/O. Os três artistas sairão de cena, e o púlpito será retirado do palco. No cenário virtual, voltará a imagem da fachada do Theatro Municipal de São Paulo em 1922.)*

**AMELINHA** Mano, isso é muito bom! Por que poucas pessoas conhecem Villa-Lobos em 2022?

**DOM PEDRO I** Porque, lamentavelmente, nos tornamos um país sem memória, Amelinha. Mas sempre será tempo de mudar, sobretudo por meio da juventude. O futuro de nosso Brasil, assim como de sua arte e cultura, depende essencialmente de vocês.

**AMELINHA** E o que mais teve na Semana de Arte Moderna de 1922, Dom Pedro?

**DOM PEDRO I** Tivemos uma verdadeira revolução na literatura, no teatro e na poesia, senhorita. A partir da realização do evento, grandes escritores, poetas e dramaturgos se popularizaram. Como Manuel Bandeira, Menotti del Picchia, Carlos Drummond de Andrade, Lima Barreto, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Nelson Rodrigues, entre tantos outros. No entanto, dois deles aqui estiveram, presencialmente, inclusive sendo mentores do evento.

**AMELINHA** E quem foram esses dois?

**DOM PEDRO I** Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

**AMELINHA** Eles eram irmãos, Dom Pedro?

**DOM PEDRO I** Apesar do mesmo sobrenome, eles não eram irmãos, Amelinha.

*(No cenário virtual, serão projetadas imagens de Mário e Oswald de Andrade. Mário de Andrade, interpretado pelo ator/cantor/dançarino 6, entrará em cena com um livro nas mãos e se postará, ainda em silêncio, de frente ao público.)*

## DOM PEDRO I

Mário de Andrade foi um dos maiores escritores e poetas do Brasil. Um verdadeiro revolucionário das letras, que modernizou a literatura de nosso país. Autor de *Pauliceia desvairada*, livro de poesias ícone da Semana de 1922. E de sua obra-prima, o romance *Macunaíma*, talvez a mais importante obra do Modernismo brasileiro.

## AMELINHA

E o Oswald?

*(Oswald de Andrade, interpretado pelo ator/cantor/músico 3, entrará em cena com um livro nas mãos e também se postará, ainda em silêncio, de frente ao público e ao lado de Mário.)*

## DOM PEDRO I

Oswald de Andrade foi um dos maiores poetas, ensaístas e dramaturgos deste país, Amelinha. Criador do *Manifesto Antropofágico* em 1928, sempre lutou por uma arte tipicamente brasileira. Para o nosso teatro, foi o autor do genial espetáculo *O rei da vela*, marco inicial da moderna dramaturgia nacional.

*(A partir desse momento, Mário e Oswald de Andrade declamarão trechos de seus livros, interagindo entre si, com marcação cênica focando no teor do texto falado e suas devidas ações.)*

**MÁRIO****DE ANDRADE**

Escrevo sem pensar tudo o que o meu inconsciente grita. Penso depois: não só para corrigir, mas para justificar o que escrevi.

**OSWALD****DE ANDRADE**

Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra liberdade e por ela briguei.

**MÁRIO****DE ANDRADE**

Eu sou um escritor difícil, que a muita gente enquizila. Porém essa culpa é fácil de se acabar duma vez: é só tirar a cortina, que entra luz nesta escuridão.

**OSWALD****DE ANDRADE**

A vida é uma calamidade a prestações.  
A alegria é a verdadeira prova dos nove.

**MÁRIO****DE ANDRADE**

Quando tu passas ligeira/  
Sozinha e alegre, a cantar/  
Eu, que choro a vida inteira/  
Eu rio em vez de chorar.

*(A partir desse momento, ambos declamarão o poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira.)*

**OSWALD****DE ANDRADE**

Enfunando os papos  
Saem da penumbra

Aos pulos, os sapos  
A luz os deslumbra.

**MÁRIO  
DE ANDRADE**

Em ronco que aterra,  
berra o sapo-boi:  
— “Meu pai foi à guerra!”  
— “Não foi!” — “Foi!” “Não foi!”.

**OSWALD  
DE ANDRADE**

O sapo-tanoeiro  
Parnasiano aguado  
Diz: — “Meu cancionero é bem martelado”.

**MÁRIO  
DE ANDRADE**

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

**OSWALD  
DE ANDRADE**

O meu verso é bom  
Frumento sem joio  
Faço rimas com consoantes de apoio.

**MÁRIO  
DE ANDRADE**

Vai por cinquenta anos  
Que lhes dei a norma  
Reduzi sem danos  
A formas a forma.

**MÁRIO  
DE ANDRADE  
E OSWALD  
DE ANDRADE**

Clame a sáparia em críticas céticas  
Não há mais poesia  
Mas há artes poéticas!

*(Ao final da performance, ambos se abraçarão e sairão de cena, com fundo musical de “Trenzinho caipira”, de Heitor Villa-Lobos. Após a saída dos personagens, no cenário virtual voltará a projeção da fachada do Theatro Municipal de São Paulo, em 1922.)*

**AMELINHA** Uau! Essa Semana de Arte Moderna está da hora, Dom Pedro! Ainda tem mais?

**DOM PEDRO I** Claro que sim, Amelinha! Vamos agora conhecer a nossa maravilhosa pintura. As artes plásticas brasileiras até hoje são renomadas e respeitadas mundialmente, sobretudo pelo que foi apresentado na Semana de 22. E três desses ícones estiveram presentes no evento, expondo suas maravilhosas obras. Como a genial Anita Malfatti!

*(Entra em cena a atriz/cantora/dançarina 1, caracterizada como Anita Malfatti e postando-se, em silêncio, de frente ao público. Fundo musical para sua entrada, até a volta das falas de Dom Pedro I. No cenário virtual, ao fundo, serão projetadas imagens das obras de Anita Malfatti, acompanhando as falas de Dom Pedro I.)*

**DOM PEDRO I** Anita Malfatti foi a pioneira no Modernismo brasileiro nas artes plásticas. Autora de dezenas de quadros renomados, é uma de nossas pintoras mais respeitadas no mundo. Entre as características principais de sua obra, estão: cores vibrantes, pinceladas visíveis, destaque nas expressões, descompromisso com o real, quebra com o modelo artístico da Academia e temas do cotidiano.

**AMELINHA** Nossa! Um quadro mais lindo que o outro!

**DOM PEDRO I** Com certeza, senhorita Maria Amélia, quer dizer, Amelinha. Outro pintor, também genial, teve presença essencial na Semana de 22.  
Di Cavalcanti!

*(Entra em cena o ator/cantor/músico 4, caracterizado como Di Cavalcanti e postando-se, em silêncio, de frente ao público e ao lado de Anita Malfatti. Fundo musical para sua entrada, até a volta das falas de Dom Pedro I. No cenário virtual, ao fundo, serão projetadas imagens das obras de Di Cavalcanti, acompanhando as falas de Dom Pedro I. Pede-se, tratando-se de um espetáculo infantojuvenil e o bom senso que se faz necessário, a não exibição, no cenário virtual de obras do pintor, daquelas que mostrem nudez [forte característica do pintor].)*

**DOM PEDRO I** Di Cavalcanti é considerado um dos maiores pintores de nosso país, em todos os tempos. Foi ele quem ilustrou os cartazes da Semana de 22, sendo um de seus organizadores. A principal característica de sua obra modernista é de retratar a cultura e o cotidiano do povo brasileiro, com muito bom humor. Autor de obras magistrais, usava cores vibrantes e seus são desenhos sinuosos. Eles retratam temas caracteristicamente brasileiros, como o carnaval, os operários e as favelas.

**AMELINHA** Eles são muito bonitos e divertidos, Dom Pedro! Amei também!

**DOM PEDRO I** E, por fim, teremos a presença de outra pintora genial, representativa e renomada no Brasil e no estrangeiro. Um ícone do modernismo brasileiro: Tarsila do Amaral!

*(Entra em cena a atriz/cantora/dançarina 8, caracterizada como Tarsila do Amaral e postando-se, em silêncio, de frente ao público e ao lado de Anita Malfatti e Di Cavalcanti. Fundo musical para sua entrada, até a volta das falas de Dom Pedro I. No cenário virtual, ao fundo, serão projetadas imagens das obras de Tarsila do Amaral, acompanhando as falas de Dom Pedro I.)*

**DOM PEDRO I** A genial e criativa Tarsila usava a técnica de pintura com cores vivas e tinta a óleo. Tinha uma estética fora do padrão, com influência do Surrealismo e do Cubismo. Suas obras são focadas nos temas cotidianos e sociais do país, com uma singularidade que só ela possuía. Senhorita Amelinha, ninguém consegue visualizar os quadros de Tarsila do Amaral sem se impactar por seu estilo.

**AMELINHA** São realmente diferentes, Dom Pedro. E lindos também! Quando voltar pra casa, quero pintar quadros como ela!

**DOM PEDRO I** Claro que sim, menina. A capacidade artística do brasileiro é ilimitada. Vocês só precisam de um incentivo.

*(Nesse momento, os três pintores declamam um trecho do “Manifesto modernista”, com música ao fundo.)*

**ANITA  
MALFATTI**

Nosso nacionalismo é de afirmação, de colaboração coletiva, de igualdade dos povos e das raças.

**DI  
CAVALCANTI**

De liberdade do pensamento, de crença na predestinação do Brasil na humanidade.

**TARSILA  
DO AMARAL**

E em nosso valor de construção nacional!

*(Com o fundo musical novamente de “Trenzinho caipira”, Villa-Lobos, Mário de Andrade e Oswald de Andrade retornam ao palco, juntando-se a Anita Malfatti, Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral. Tendo no cenário virtual a projeção da fachada do Theatro Municipal de São Paulo, em 1922, os seis personagens juntam-se como se fossem tirar a icônica foto da Semana de Arte Moderna. Terminam a cena “congelados” na fotografia, até o B/O final da cena. Após o B/O, o cenário virtual retorna com a projeção da “viagem no tempo”, até a próxima mudança.)*

**AMELINHA**

*(Triste)* Poxa, que triste! Acabou a Semana de Arte Moderna de 1922... Não somos mais dois em vinte e dois, Dom Pedro.

**DOM PEDRO I**

Ora pois, não entendo sua tristeza, Amelinha. A Semana de Arte Moderna de 1922 foi apenas o começo, o marco inicial da arte brasileira ao mundo. A partir dela, nossa produção artística se multiplicou, qualificou-se e se destacou. Em todas as áreas: na música, na dança, no teatro, na literatura e nas artes plásticas.

**AMELINHA**

Dom Pedro, tenho 12 anos e sei que não sou mais uma criancinha. Mas, mano... Somente entre nós: eu queria saber se a arte para as crianças também foi tão importante quanto foi a dos adultos.

**DOM PEDRO I**

Cara Maria Amélia, doce Amelinha: todos nós somos eternamente crianças. E sim, senhorita. Nossa arte para crianças é magistral. E começamos pela literatura infantil, em que possuímos um dos maiores escritores do mundo no gênero. Criador de personagens icônicos, eternos. Que resgatou e alicerçou o folclore brasileiro, vindo de nossos ancestrais indígenas, pretos e europeus. O gênio Monteiro Lobato!

## TERCEIRO NÚMERO MUSICAL: “SÍTIO DO PICAPAU AMARELO” (GILBERTO GIL)

*(Composição do número:*

*Ator/músico/dançarino 4, com aparência próxima de 60 anos, devidamente caracterizado como Monteiro Lobato.*

*Ator/cantor/dançarino 6, devidamente caracterizado como Visconde de Sabugosa.*

*Atriz/cantora/dançarina 8, devidamente caracterizada como a boneca Emília.*

*No cenário virtual ao fundo, será projetado um vídeo com imagens dos livros e personagens criados por Monteiro Lobato. Fim do número musical. B/O. Os três artistas sairão de cena. No cenário virtual, voltará a imagem da viagem no tempo.)*

### **AMELINHA**

Eu amo o Sítio! Amo a Emília! Amo o Visconde!  
Amo Monteiro Lobato!

### **DOM PEDRO I**

Todas as crianças brasileiras amam essas histórias e esses personagens fantásticos. No entanto, temos também o teatro infantil brasileiro, cheio de glórias. Repleto de peças incríveis e personagens magistrais. Jamais podemos nos esquecer dele e precisamos sempre valorizá-lo, pela qualidade do conteúdo passado às crianças. E o grande ícone desse gênero no Brasil é uma mulher. Autora de espetáculos inesquecíveis e personagens também eternos. Orgulhem-nos todos de *Pluft, o fantasminha*, *O rapto das cebolinhas*, *A bruxinha que era boa* e *O cavaleiro azul*, entre tantas outras. Orgulhem-nos de Maria Clara Machado!

## QUARTO NÚMERO MUSICAL: “A MENINA MARIBEL” (MARIA CLARA MACHADO)

*(Composição do número:*

*Atriz/cantora 1, com aparência próxima de 50 anos, devidamente caracterizada como Maria Clara Machado.*

*Ator/cantor/dançarino 2, devidamente caracterizado como Camaleão Alface.*

*Atriz/cantora/dançarina 5, devidamente caracterizada como Pluft, o fantasma.*

*No cenário virtual ao fundo, será projetado um vídeo com imagens das peças e personagens criados por Maria Clara Machado. Fim do número musical. B/O. Os três artistas sairão de cena. No cenário virtual, voltará a imagem da viagem no tempo.)*

### **AMELINHA**

Eu assisti à *A bruxinha que era boa* no teatro! Eu amei essa peça, Dom Pedro!

### **DOM PEDRO I**

E amará também esse outro ícone da arte para as crianças. Alguém que nasceu com o dom de desenhar e criar. Que encanta crianças do Brasil e do mundo há décadas, com seus personagens inesquecíveis. Um verdadeiro gênio do desenho, que optou em divertir e ensinar a infância de nosso país. Alguém que sempre merecerá todas as nossas homenagens e admiração. O criador da Turma da Mônica, Mauricio de Sousa!

## QUINTO NÚMERO MUSICAL: “SOU A MÔNICA” (MAURICIO DE SOUSA)

*(Composição do número:*

*Ator/cantor 3, com aparência próxima de 50 anos, devidamente caracterizado como Mauricio de Sousa.*

*Atriz/cantora/dançarina 8, devidamente caracterizada como Mônica.*

*Ator/cantor/dançarino 6, devidamente caracterizado como Cebolinha.*

*No cenário virtual ao fundo, será projetado um vídeo com imagens dos desenhos e personagens criados por Mauricio de Sousa. Fim do número musical. B/O. Os três artistas sairão de cena. No cenário virtual, voltará a imagem da viagem no tempo.)*

**AMELINHA** A Turma da Mônica é incrível, Dom Pedro! E Mauricio de Sousa também! Estou muito feliz com a nossa viagem, muito mesmo!

**DOM PEDRO I** A arte de nosso país é transformadora, Amelinha. A mim, rejuvenesce, enche-me de esperança, deixa-me o coração repleto de felicidade. Nesses 200 anos de Independência, nosso povo mostrou qualidades retumbantes, criatividade ímpar e extrema generosidade. Nossos artistas guerreiros são um grande orgulho a todos nós e merecem a devida gratidão e a eterna admiração. E irão sempre nos ajudar a evoluirmos enquanto nação e enquanto seres humanos.

*(Nesse momento, Dom Pedro I e Amelinha olham atentamente para o cenário virtual, onde serão projetadas imagens/vídeos da arte contemporânea brasileira no cinema, na televisão, no teatro, nas artes plásticas, na música, na dança, no circo e na literatura, com tema musical à escolha da direção do espetáculo. Ao fim da exibição do vídeo, voltará o fundo virtual de projeção de viagem no tempo.)*

**DOM PEDRO I** Ora pois, senhorita Maria Amélia, quer dizer, Amelinha.

**AMELINHA**

Não precisa corrigir, Dom Pedro. Pode me chamar pelo nome de sua filha. Aliás, tenho esse nome porque minha mãe leu sobre a história dela, se encantou e decidiu fazer essa homenagem. E hoje me honro muito dele. E ela, a verdadeira Maria Amélia, sempre vai se orgulhar muito de você, como pai.

**DOM PEDRO I**

(*Emocionado*) Ora pois, senhorita. Não se tiram lágrimas de um príncipe regente assim em vão. Acho melhor voltarmos a 2022 e retornares a vossa residência. Ou ao tal parque, onde andará com essa coisa de rodinhas aí, que esqueci o nome.

**AMELINHA**

Voltaremos sim, Dom Pedro. E andarei em meu skate à margem do tal rio Ipiranga. Mas, como acho que aprendi a mexer nesse troço da máquina do tempo aí, precisaremos de uma *playlist* para nos acompanhar na viagem. O que acha?

**DOM PEDRO I**

O que seria uma *playlist*, Amelinha?

(*B/O. Nesse momento, haverá uma sequência de pot-pourris musicais no palco. Cada artista terá um tempo de cerca de dois minutos para executar a apresentação, logo sendo substituído por outro, que entrará em local distinto. O primeiro número será do ator/cantor/violonista 7, que interpretará, devidamente caracterizado, o cantor e compositor João Gilberto. Tocar e cantar a música “Chega de saudade”, do mesmo artista. Após o B/O, o contrarregista terá poucos segundos para colocar um banquinho no palco, onde o ator 7 se sentará e executará a música, assim que abrir o foco de luz em si. No cenário virtual surgirão imagens projetadas de músicos da bossa nova e da MPB, como Nara Leão, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil, entre outros.*)

**AMELINHA** (Fazendo um gesto como se mexesse em um controle remoto) Algo como isto!

*(Execução do número musical de João Gilberto. Fim do número. B/O em ator 7/João Gilberto, que sai de cena, levando o banco. Concomitantemente, em outro ponto, será aberta a luz na atriz/cantora 1, que interpretará, devidamente caracterizada, Carmem Miranda. Tocar e cantará a música “Disseram que voltei americanizada” (Luiz Peixoto e Vicente Paiva). Será acompanhada pelo ator/músico/violonista 3, que tocará a música ao lado dela, devidamente caracterizado como integrante do Bando da Lua. No cenário virtual, surgirão imagens projetadas de fotos e vídeos de Carmem Miranda. Execução do número musical de Carmem Miranda. Fim do número. B/O em atriz 1 e ator 3, que saem de cena. Concomitantemente, em outro ponto, será aberta a luz na atriz/cantora/dançarina 5, que interpretará, devidamente caracterizada, Elza Soares. Cantará a música “Pra que discutir com madame”, de João Gilberto. Será acompanhada pelo ator/músico/percussionista 4, que tocará pandeiro na música ao lado dela. No número, também estará o ator/cantor/dançarino 2, que sambará ao lado de ambos. No cenário virtual, surgirão imagens projetadas de fotos e vídeos de Elza Soares e sambistas em geral. Execução do número musical de Elza Soares. Fim do número. B/O em atriz 5, ator 4 e ator 2, que saem de cena. Dom Pedro I e Amelinha surgirão no palco, com foco de luz em cima de ambos. Cenário virtual escuro, tendo apenas o foco nos rostos dos dois personagens. Fundo musical instrumental durante as falas.)*

**DOM PEDRO I** Foi muito divertido, Amelinha.

**AMELINHA** Foi muito, Dom Pedro.

**DOM PEDRO I** Agora precisas voltar.

**AMELINHA** E você precisa completar sua missão. Necessitamos de seu grito, para que ele seja o nosso também.

*(Após essa fala de Amelinha, serão ouvidos os primeiros acordes de “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso.)*

**DOM PEDRO I** E o que me recomendas? Resolver o passado, para acertarmos no futuro?

**AMELINHA** Não somos os dois nos vinte e dois? Pois bem, está faltando um.

**DOM PEDRO I** Sim, está. Então, ora pois, que sejamos dois em 1822!

*(Nesse momento, ator/cantor 6 e atriz/cantora 8 entrarão no palco, cantando juntos “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso. Nos primeiros versos lentos, “Brasil, meu Brasil brasileiro/meu mulato inzoneiro/Vou cantar-te nos meus versos”, Amelinha subirá novamente na garupa do cavalo de Dom Pedro I. No cenário virtual, haverá a projeção da imagem de uma bandeira brasileira tremulando em tela cheia. Quando a música acelerar, todo o restante do elenco entrará, devidamente caracterizado como soldados de Dom Pedro I e executará a coreografia da música, enquanto os outros dois (ator 6 e atriz 8) permanecerão cantando. Durante a coreografia, Dom Pedro I e Amelinha cavalgarão pelo palco, participando do número. Em determinado momento da coreografia musical, a critério da direção do espetáculo, será formada a imagem baseada no clássico quadro de Pedro Américo, O grito do Ipiranga. A música ficará somente instrumental e os dois atores/cantores sairão de cena. No cenário virtual, será projetada a imagem inicial do espetáculo, com a colina às margens do rio Ipiranga ao fundo, com mata tropical. A imagem montada de Dom Pedro I empunhando a espada sobre o cavalo e rodeado por seus soldados deverá ser a mais fiel possível ao quadro. Amelinha estará na garupa do cavalo, durante todo o processo. Fim da música.)*

**AMELINHA** Dom Pedro, acho que chegou a hora.

*(Dom Pedro I desembainha a espada e a ergue).*

**AMELINHA**

Mas, espera aí só um pouquinho, que vou usar um aparelho que vocês não conhecem, para eternizar esse momento. Videozinho rápido. Só para os *stories*, ok?

*(Amelinha sai da garupa, pega seu celular no bolso, vai pra frente do palco e fica em posição de selfie, mirando a câmera para a cena.)*

**AMELINHA**

Agora pode, dom Pedro! Tá gravando! Capricha na entonação!

**DOM PEDRO I**

Independência ou morte!!!

*(Música instrumental intensa. Dom Pedro I e os soldados saem de cena, enquanto Amelinha mexe no celular. Ao fundo, no cenário virtual, volta a imagem do bairro do Ipiranga, em 2022, com seus efeitos sonoros urbanos. Amelinha fala sozinha, ainda mexendo no celular.)*

**AMELINHA**

Gente, eu acho que ficou meio tremido o vídeo. Vamos fazer outro rapidinho? Grita um pouquinho mais alto, tá, Dom... *(Virando-se e percebendo que não havia mais nada lá, além do cenário de seu bairro)* ...Pedro?

*(Amelinha guarda o celular, bota o skate no chão e fala ao público.)*

**AMELINHA**

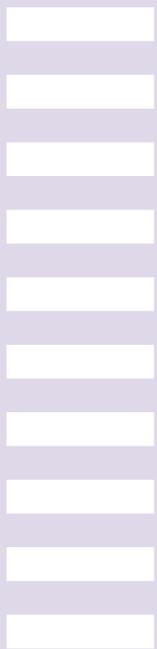
Pensando bem, mano, acho que não vou pintar quadro. Talvez a minha arte seja a literatura ou o teatro. Escrever um livro não é uma má ideia, assim como escrever uma peça também não, tá ligado? Quero ser uma artista que ajudará no futuro de meu país e ser senhora do meu destino. Porque o futuro do Brasil, assim como de sua arte e sua cultura, depende essencialmente de nós. O título até já tenho: “Os dois nos vinte e dois”.

*(Amelinha anda de skate pelo palco. Música tema do espetáculo. B/O final.)*

**FIM ■**



A  
INDEPENDÊNCIA  
DE MARIA  
QUITÉRIA



# A INDEPENDÊNCIA DE MARIA QUITÉRIA

Juliana de Caldas Rosa

## Personagens

<b>Maria Quitéria</b>	<b>Dom Pedro I</b>
<b>Gonçalo</b> , pai de Maria Quitéria	<b>Criado</b>
<b>Maria Rosa</b> , madrasta de Maria Quitéria	<b>Um soldado</b>
<b>Teresa</b> , irmã de Maria Quitéria	<b>Um ajudante de campo</b>
<b>Emissário</b>	<b>Figurantes representando soldados e transeuntes</b>

## ÉPOCA

As cenas alternam-se entre a narrativa da personagem Maria Quitéria, como uma memória, e a representação do passado da vida da protagonista, no período das lutas da Independência, no século XIX, quando ela estava com 24 anos de idade.

## LOCAL

Bahia.

## OBS.:

Texto teatral baseado na história real da protagonista Maria Quitéria de Jesus.

## PRIMEIRO ATO

*(Palco no escuro, sem cenário em evidência.)*

## CENA 1

*(Maria Quitéria entra em cena, cumprimenta o público. Foco de luz sobre ela. Restante do palco sem iluminação.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Olá! Meu nome é Maria Quitéria de Jesus. Talvez vocês nunca tenham ouvido falar de mim. Bom... certamente, se na minha época houvesse o Instagram ou o Facebook, eu teria muito mais seguidoras e seguidores. Mas tive ao meu lado muitas pessoas com o mesmo ideal e, hoje, sou considerada uma heroína brasileira da história da Independência do Brasil. Sim! *(Fala como quem gerou espanto)* Lutei, junto a muitos outros combatentes, pela liberdade do nosso país. Ah!... *(Suspirando)* Isso já faz muito tempo! Uns 200 anos! É... tudo isso! *(Diz como quem relembra com saudade)* Naquela época, muita coisa era diferente... Então, peço licença para contar um pouco da minha história.

*(Ao fundo, aparece a imagem projetada do mapa do Brasil da época.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Eu nasci na Bahia. *(A imagem do mapa começa a se aproximar)* Na freguesia de São José das Itapororocas. *(O mapa continua aproximando-se até chegar ao ponto que marca o local de nascimento)* Um pouco mais... Isso! Bem aqui! *(Uma luz circular foca a região do mapa)* Meu pai tinha uma fazenda e passei minha infância correndo e brincando nos campos, como um pássaro livre!

*(A imagem projetada muda para um campo verde.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Perdi minha mãe quando era muito nova, mas meu pai se casou novamente. E minha madrasta... Acho que não gostava muito da forma como eu me comportava.

**CENA 2**

*(Maria Quitéria, Gonçalo e Maria Rosa. Atravessam a cena, Gonçalo, com alguns papéis na mão, e Maria Rosa, logo atrás dele, reclamando. Maria Quitéria permanece como observadora.)*

**MARIA  
ROSA**

Gonçalo, meu marido, veja só essa menina! Fica o dia inteiro enfiada no mato, subindo nas árvores. Não tem modos! Nem parece uma moça!

**GONÇALO**

Não tenho tempo para isso, mulher!

**MARIA  
ROSA**

Mas ela já está com mais de vinte anos! Desse jeito, nunca vai arrumar um marido!

*(Gonçalo apressa-se em sair, e Maria Rosa o segue gesticulando, sem atenção. Saem.)*

## CENA 3

*(Maria Quitéria. Retira-se a imagem projetada de fundo. O palco escurece, e o foco de luz volta a ficar apenas sobre Maria Quitéria.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Eu entendo que deixava minha madrasta um tanto espantada. Pudera! Há 200 anos, uma mulher não podia fazer muitas coisas. Mas eu aprendi a montar cavalos, a usar armas de fogo e a caçar. E como eu gostava de fazer tudo aquilo! Passados alguns anos, apareceu um emissário do governador na fazenda. Na Bahia, assim como em todo o Brasil, havia movimentos que queriam a Independência do nosso país. O clima estava bem tenso! Muitas lutas e combates. E muitas mortes! E foi aí que tudo começou...

## CENA 4

*(Maria Quitéria, Gonçalo, Maria Rosa, um Emissário, um Criado. Muda a cena para o interior da casa da fazenda de Gonçalo. A imagem projetada ao fundo é uma parede com uma janela antiga aberta. No palco, uma mesa preparada para o café. Gonçalo está sentado à cabeceira da mesa, tendo ao seu lado Maria Rosa. Maria Quitéria dirige-se até a mesa e senta-se ao lado da madrasta, e sua narrativa passa à ação. Escuta-se o bater da porta. Um Criado anuncia o Emissário.)*

**UM CRIADO**

Senhor Gonçalo, o emissário do governador.

**GONÇALO** Senhor emissário, queira entrar. (*Diz, levantando-se da mesa para recebê-lo. Dirige-se ao criado*) Traga uma água para nosso visitante. (*O Emissário é convidado a sentar-se na cadeira próxima a Gonçalo*) Por favor.

**EMISSÁRIO** Muito agradecido.

(*O Criado traz a água e sai. O Emissário a bebe.*)

**GONÇALO** Diga-me, senhor: o que o traz aqui?

**EMISSÁRIO** Estimado senhor Gonçalo... O senhor já deve estar ciente da situação em que se encontra nossa pátria tão amada. Os vários embates travados contra as tropas portuguesas que insistem em não reconhecer a autoridade do nosso nobre príncipe Dom Pedro I e querem novamente nos subjugar, nos manter como colônia.

**GONÇALO** Sim, tomei conhecimento. Vários comerciantes com quem conversei chegaram a me relatar das várias mortes que têm acontecido nos confrontos.

**EMISSÁRIO** Mas não estamos a esmorecer por conta disso, senhor Gonçalo! Por toda a Bahia, vários voluntários têm se juntado às nossas tropas com o intuito de combater essa tirania e libertar de vez nosso povo!

**GONÇALO** Entendo. Mas, certamente, não foi para me relatar esses fatos que veio de tão longe. O que exatamente deseja de mim, senhor?

**EMISSÁRIO** Contar com a certeza de seu apoio. Precisamos de mais voluntários para as tropas. Só assim conseguiremos demonstrar nossa força frente aos opressores portugueses!

**GONÇALO** Infelizmente, já estou velho, e meu filho não está em idade de lutar, pois que ainda é uma criança. No entanto, ficarei aguardando o desfecho favorável à causa.

**EMISSÁRIO** Ah! Entendo.

*(Maria Quitéria, que até o momento escutava atenta-mente, levanta-se e aproxima-se de seu pai.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Senhor, meu pai, é verdade que não tem um filho crescido, mas permita que eu vá representando-o para defender essa nobre causa. Bem sabe que sei manejar armas e montar cavalos muito bem!

*(Maria Rosa demonstra constrangimento, mas não se intromete na conversa.)*

**GONÇALO**

Maria Quitéria... *(Fala em um tom de desagrado)* As mulheres não foram criadas para ir à guerra, mas para fiar, tecer e bordar. Dê-se por satisfeita que ainda pode fazer tudo isso!

*(Maria Quitéria abaixa a cabeça e afasta-se um pouco, permanecendo de pé. Faz-se um tempo curto de silêncio.)*

**EMISSÁRIO** Hum-hum... Com licença, senhor Gonçalo. Já comuniquei a mensagem do governador. Agradeço muito sua hospitalidade, mas preciso partir para outras fazendas e continuar minha missão. (*Diz, levantando-se da mesa*)

**GONÇALO** Não esmorecer, como bem disse!  
(*Levanta-se também*) Siga bem em sua viagem.  
Até mais ver!

**EMISSÁRIO** Até mais ver!

(*O Emissário segue na direção que entrou. Gonçalo e Maria Rosa retiram-se da mesa, saindo pelo lado oposto. Maria Quitéria permanece pensativa. O Emissário para, antes de sair de cena e vira-se para o público.*)

**EMISSÁRIO** Que brava mulher! Demonstrou sua força e sua valentia! Pena que não seja homem. (*Sai*)

## CENA 5

(*Maria Quitéria caminha para a frente do palco. Apagam-se a luz ao fundo e a imagem projetada, mantendo-se o foco de luz apenas sobre ela.*)

**MARIA  
QUITÉRIA**

Não pude fazer outra coisa senão calar-me. Era verdade que, naquela época, uma mulher não emitia opinião nas conversas de homens e tampouco saía a guerrear. Não julgo meu pai por isso. Mas aquele chamado continuou a sussurrar no meu peito, crescendo a vontade de defender a pátria! Não consegui dormir. Meus pensamentos voavam e rodopiavam. E, quando o sol se levantou, sem pensar, eu já estava indo na direção da casa de minha irmã Teresa. *(Vira-se e sai pela lateral esquerda do palco. A luz sobre ela apaga-se)*

**CENA 6**

*(Maria Quitéria, Teresa. Ao fundo, aparece a imagem projetada de uma janela, estilo guilhotina, fechada. No palco, uma saleta com um sofá de dois lugares, uma mesa de canto com uma jarra e uma cadeira. Sentada nesta, Teresa, grávida, está a bordar. Ouve-se o bater na porta. Teresa dirige-se até a porta, e entra Maria Quitéria.)*

**TERESA**                   Olá, Maria!

**MARIA  
QUITÉRIA**                Como vai, Teresa?

**TERESA**                   Nossa! Como seu rosto está suado! Por que está afobada assim? *(Pega um lenço e o oferece)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Obrigada. (*Sentam-se no sofá*) Você não vai acreditar! Ontem, estive na fazenda um emissário do governador a narrar as lutas que acontecem por todo o lugar.

**TERESA**

Não se fala em outra coisa na venda da cidade! Mas me conte.

**MARIA  
QUITÉRIA**

Pois bem... Ele disse que estão recrutando voluntários para se alistarem nas tropas. E eu prontamente me ofereci para lutar.

**TERESA**

E o emissário e o papai concordaram? (*Em tom de surpresa*)

**MARIA  
QUITÉRIA**

Certamente que não! Papai disse não ser coisa de mulher. O emissário... Bom... O emissário apenas calou-se. Mas eu sinto que tenho que ir!

**TERESA**

De que maneira? Papai não irá ceder. Além do mais, não vão aceitar uma mulher nas tropas.

**MARIA  
QUITÉRIA**

Por isso estou aqui, Teresa. Já tenho tudo em mente. Preciso de algumas roupas de seu esposo emprestadas e também que me ajude a cortar os cabelos.

**TERESA**

*(Sorri) Você sempre destemida e determinada! Se não estivesse grávida, seria capaz de acompanhá-la! Espere um pouco. Vou ver o que consigo. (Sai de cena, para o lado direito do palco)*

*(Maria Quitéria levanta-se e dirige-se à plateia.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Nada me fazia desistir! Ser mulher não me tornava menos corajosa ou mais frágil. Daquela vez, não respeitei a vontade de meu pai. Ele não entendia o meu propósito. Eu tinha que tentar.

*(Teresa volta com algumas roupas e uma tesoura.)*

**TERESA**

Peguei estas roupas. *(Coloca sobre o braço do sofá)* Agora, sente-se aqui. *(Pede, mostrando a cadeira. Maria Quitéria obedece)* Tem certeza de que é isso mesmo que deseja? *(Pergunta ao pegar a tesoura)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Não tenho outra aspiração!

**TERESA**

Então... Seja a guerreira que é! *(Ajeita os cabelos de Maria Quitéria para começar a cortar. Apaga-se a luz. Fecha-se a cortina)*

**SEGUNDO ATO**

*(Inicia como no primeiro ato, com o palco no escuro, sem cenário em evidência.)*

## CENA 1

*(Maria Quitéria, um Soldado. Maria Quitéria entra, vestida de homem, já com os cabelos cortados. Dirige-se à plateia. Foco de luz sobre ela.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Vejam vocês... Depois de ter me decidido, e com a ajuda de minha irmã e meu cunhado, assim fiquei: trajada como um homem. Confesso que sentia um certo medo! Era uma mistura de medo que soubessem quem eu era e que percebessem que era uma mulher... Mas tinha um outro medo: o de não servir, não ser aceita para lutar. *(Faz uma pausa, pensativa. Sorri)* No entanto, uma vontade maior de correr esse risco superava meus medos todos. Era incontrolável! E, por fim, meu corpo todo obedeceu a esse impulso, e me vi rumo à vila de Cachoeira, para me alistar no quartel de artilharia.

*(Acende-se uma luz no fundo do palco, próximo à saída da coxia. Maria Quitéria segue até lá e para, de perfil para o público. Ouve-se a voz de um soldado que está a fazer a guarda.)*

**SOLDADO**

Alto lá! Identifique-se.

**MARIA  
QUITÉRIA**

*(Fala disfarçando a voz)* Meu nome é Medeiros, senhor! Venho como voluntário para compor as forças em defesa da pátria.

**SOLDADO**

Muito bem! Pode passar.

*(Maria Quitéria sai. Apaga-se a luz.)*

## CENA 2

*(Gonçalo, Maria Rosa. Ao fundo, aparece a imagem projetada de uma área da fazenda de Gonçalo. Este está junto de Maria Rosa, com ar aflito.)*

**GONÇALO** Não sei mais onde procurar!

**MARIA ROSA** Acalme-se, homem! Ela deve estar pelos campos, caçando pássaros. Você sabe como ela é!

**GONÇALO** Já corri o campo todo! E, na vizinhança, ninguém a viu. Estou preocupado! Faz dias que ela sumiu, desde... *(Faz uma pausa como quem relembra uma informação importante)*

**MARIA ROSA** Desde?... O que foi? *(Fala impaciente, ao perceber que Gonçalo ficou mais agitado e calado)*

**GONÇALO** Não... Não pode ser! *(Diz, colocando as mãos na cabeça, e começa a andar apressado para sair)*

**MARIA ROSA** Aonde você vai?

**GONÇALO** *(Para e volta-se para Maria Rosa)* Faltou um lugar para procurar: no quartel. Com certeza, não tirou aquela ideia insana da cabeça! *(Gonçalo parte)*

**MARIA ROSA** Gonçalo, espere! *(E continua, falando para si mesma)* Era só o que faltava! Uma mulher agindo como um homem! *(Sai exasperada)*

## CENA 3

*(A imagem projetada é da frente do quartel, onde Maria Quitéria, trajada de soldado Medeiros, está a fazer a guarda. Na cena, figurantes representando outros soldados e alguns transeuntes. Maria Quitéria vai para a frente do palco e dirige-se à plateia.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

Imaginem vocês: não só consegui me alistar, mas me manter disfarçada. Da artilharia pesada, passei a fazer parte do Batalhão Voluntários do Príncipe, também chamado de Batalhão dos Periquitos por causa da gola e dos punhos de cor verde do nosso uniforme. *(Diz, mostrando-o ao público)* Fiquei muito feliz de participar de uma fase tão importante da nossa história! Mas ainda tinha um desafio pela frente. *(Volta para o portão do batalhão)*

## CENA 4

*(Gonçalo aparece, olhando tudo em volta, a procurar Maria Quitéria. Ao ver os soldados, aproxima-se, sem saber ainda que sua filha está entre eles. Maria Quitéria percebe a aproximação do pai, que parece hesitante.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

*(Fala para si mesma)* Meu pai se aproxima. Certamente, está à minha procura. Não terei como fugir... E nem quero! Sinto que chegou o momento. *(Vira-se de costas e respira fundo)*

**GONÇALO**

Soldado! *(Dirigindo-se a Maria Quitéria)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

*(Vira-se e responde disfarçando a voz) Senhor!*

**GONÇALO**

Preciso de uma... *(Reconhece a filha e fica sem palavras)*

*(Os dois entreolham-se por um tempo. Gonçalo parece não acreditar no que vê. Maria Quitéria e Gonçalo distanciam-se um pouco dos demais.)*

**GONÇALO**

O que se passa nessa sua cabeça? *(Diz, irritado)*  
Quando o emissário apareceu, não pensei que fosse sério o que estava a dizer. E, no entanto...  
Nunca imaginei filha minha nestes trajes! Vamos voltar para a fazenda! *(Tenta pegar o braço da filha)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

*(Recua, não permitindo que o pai segure seu braço)*  
Não posso. Na verdade, não quero.

**GONÇALO**

Mas o que é isso agora?! Nunca me desobedeceu!

**MARIA  
QUITÉRIA**

Sinto muito, meu pai! Não percebe que a nossa liberdade é motivo mais do que justo para me deixar seguir lutando?

**GONÇALO**

Já tem homens demais nessa empreitada! Que diferença faz uma mulher como você ficar a brincar de soldado?

**MARIA  
QUITÉRIA**

O senhor está enganado! Não é nenhum capricho meu. Já enfrentei algumas tropas. E sei que manejo armas melhor que muitos soldados! Nem sequer perceberam que sou uma mulher. Pretendo continuar servindo, pois que assim me sinto viva! É minha missão!

**GONÇALO**

Não. Não consigo compreender. Vou dirigir-me a seu superior. Vamos ver o que pensa ele de tudo isso!

**MARIA  
QUITÉRIA**

Por favor, meu pai!

**GONÇALO**

Hoje mesmo volta para casa! *(Sai)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

*(Voltando-se para a plateia)* Não conseguia mais imaginar minha vida diferente. Eu era um soldado! O soldado Medeiros! *(Fica pensativa por um instante)* Não! Não podia ficar esperando para ser expulsa, depois de ter chegado tão longe! *(Sai)*

## CENA 5

*(Volta a cena para a fazenda de Gonçalo. Maria Rosa está na porta da casa esperando Gonçalo, que se aproxima irritado e balançando seu chapéu.)*

**MARIA ROSA**

*(Fala para si)* Finalmente voltou!  
*(E dirigindo-se a Gonçalo)* Você está vermelho!

- GONÇALO** Que tempos são esses?
- MARIA ROSA** O que houve?
- GONÇALO** Preciso respirar. *(Faz uma pausa)*
- MARIA ROSA** Você está me deixando nervosa! Afinal, encontrou Maria Quitéria?
- GONÇALO** Sim. Vestida como um soldado!
- MARIA ROSA** Minha nossa! Eu avisei... Deveria ter obrigado ela a se casar com aquele rapaz, anos atrás, e não haveria de ter esse desgosto!
- GONÇALO** Vestida como soldado... *(Repete, sem prestar atenção ao que a esposa acaba de dizer)*  
Acredita que me desobedeceu e não quis voltar?
- MARIA ROSA** Ficou por lá? Você nada fez?
- GONÇALO** Claro que sim! Fui ter com o major Castro e contei-lhe que o tal soldado Medeiros era uma mulher. E ainda pedi que a mandasse voltar para casa.
- MARIA ROSA** Mas... e então? Por que ela não voltou com você?
- GONÇALO** O major permitiu que ela ficasse.
- MARIA ROSA** Como?! *(Diz, espantada)*

**GONÇALO**

Disse estar admirado por não ter notado que se tratava de uma mulher. E mais... Colocou que Maria tinha uma grande habilidade com as armas e que continuaria sendo muito útil à causa. Não consegui argumentos para convencê-lo. *(Balança a cabeça, inconformado)* Ela ficou. *(Faz uma pausa)* Mas, aqui, ela não põe mais os pés!

**MARIA ROSA**

E com razão! Venha! Vamos entrar. *(Diz, conduzindo-o em direção à porta)* Você precisa descansar.

*(Saem. Apagam-se a luz do palco e a imagem projetada.)*

**CENA 6**

*(Maria Quitéria. Maria Quitéria volta, agora com um saiote comendo seu uniforme. Foco de luz apenas sobre ela.)*

## MARIA QUITÉRIA

É verdade! Resolvi revelar-me ao major Castro e solicitar seu apoio à minha permanência no batalhão. O major Castro, reconhecendo minha valentia, permitiu que continuasse servindo junto aos Voluntários do Príncipe. Não mais precisei fingir ser um homem. Ao contrário, fui revelada e passei a usar esse saiote como parte de meu uniforme. *(Gira, exibindo seu uniforme)* Assim, pude mostrar que uma mulher também tem força e coragem para lutar quando é preciso! Aliás, ao perceberem minha força, muitas mulheres também acabaram por participar das lutas, no batalhão que liderei contra as tropas portuguesas na foz do rio Paraguaçu. E, depois de alguns meses, quando a guerra finalmente acabou, com a vitória contra os portugueses e a tão almejada Independência do Brasil, fui pessoalmente ao Rio de Janeiro, onde fui recebida pelo imperador Dom Pedro I.

### CENA 7

*(Maria Quitéria, Dom Pedro I e um Ajudante de campo. Ao fundo, aparece a imagem projetada da corte portuguesa, no salão imperial. Dom Pedro I está de pé, na frente de seu trono, para receber Maria Quitéria. Ao lado do imperador, está um ajudante de campo a segurar uma bandeja com a insígnia da condecoração. Maria Quitéria vai ao encontro de Dom Pedro I, parando a alguns metros. E, de frente para o príncipe, faz uma reverência.)*

**DOM PEDRO I** Cadete Maria Quitéria, aproxime-se.

**MARIA  
QUITÉRIA**

É uma grande honra!

**DOM PEDRO I**

Muito ouvi falar de suas incontáveis vitórias nas lutas que se travaram na Bahia. Sua contribuição foi notável para que chegássemos à Independência!

**MARIA  
QUITÉRIA**

Meu desejo se juntou ao de muitos que perderam suas vidas!

**DOM PEDRO I**

Certamente! *(Faz um sinal para que o Ajudante de campo se aproxime. Pega a insígnia. O Ajudante de campo volta para o local em que estava, recuando, sem dar as costas ao imperador)* E por sua lealdade, e por todos os serviços que prestou, concedo-lhe a insígnia da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, para que seja reconhecida por sua bravura! *(Coloca a insígnia)* E, a partir de hoje, está promovida a alferes.

**MARIA  
QUITÉRIA**

Agradeço imensamente! E, se preciso for novamente, não terei de responder de outra maneira. Ao dispor da pátria, presente estarei.

**DOM PEDRO I**

Não tenho dúvidas!

**MARIA  
QUITÉRIA**

Mas... antes de me retirar, um pedido importante gostaria de fazer ao meu imperador.

**DOM PEDRO I**

Pois o que deseja?

**MARIA  
QUITÉRIA**

Que possa solicitar a meu pai que me perdoe, pela desobediência e pela obstinação em me tornar voluntária na defesa da pátria.

**DOM PEDRO I** Nada mais justo! Assim o farei.

*(Maria Quitéria faz uma reverência em agradecimento e sai, seguindo em direção à plateia. Ao fundo, as luzes e a imagem projetada apagam-se, e os personagens de Dom Pedro I e do ajudante de campo saem. Resta apenas o foco de luz sobre ela.)*

**CENA 8**

*(Maria Quitéria. Dirige-se à plateia.)*

**MARIA  
QUITÉRIA**

E assim voltei para casa, depois de cumprir minha missão. Meu pai relutou um pouco, mas tendo recebido a carta do imperador Dom Pedro I acabou por aceitar minhas desculpas. Depois disso, nunca mais precisei lutar. Casei-me e segui minha vida ao lado de meu marido, Gabriel. Minha vida foi assim. E, mesmo sem ter essa intenção, acabei por me tornar uma das pessoas importantes da história da Independência do Brasil. *(Faz uma pequena pausa)* E o que desejo para a sua vida? Não importa se é menina ou menino, mulher ou homem. Desejo que busque seus sonhos sem medo! Batalhas e combates, todos temos ao longo da vida! E ganhar ou perder não é o que mais importa. Continue em frente! Siga seu coração!

*(Acendem-se as luzes do fundo do palco, tendo a imagem da fazenda projetada. Gonçalo está com a insígnia na mão a mostrar, orgulhoso, para Maria Rosa. Maria Quitéria agradece à plateia com uma reverência, vira-se e vai ao encontro da família. Teresa abre os braços para ela. Confraternizam-se. Apaga-se a luz. Fecha-se a cortina.)*

**FIM** ■

Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela  
Fundação Nacional de Artes – Funarte.



